

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MIRELA ALBERTINA CORRÊA

ESTRATÉGIAS, PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DE LEITURA
NO ENSINO FUNDAMENTAL NA CONCEPÇÃO DOS
PROFESSORES (AS) DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO - UFSC

FLORIANÓPOLIS, 2013

MIRELA ALBERTINA CORRÊA

**ESTRATÉGIAS, PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DE LEITURA
NO ENSINO FUNDAMENTAL NA CONCEPÇÃO DOS
PROFESSORES (AS) DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO - UFSC**

Monografia como requisito apresentado ao
Curso de Pedagogia, Centro de Educação,
Departamento EED, Universidade Federal de
Santa Catarina – UFSC, orientada por Maria
Hermínia Lage Fernandes Laffin.

DEZEMBRO, 2013

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a DEUS por me dar forças para vencer mais um desafio, nessa caminhada.

À minha orientadora Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, que foi fundamental para que eu realizasse esse meu trabalho.

Especialmente à minha irmã Dayse, seu esposo Wagner e meu sobrinho Brendon por me amparar em todos os momentos.

À minha família que é a base da minha existência, minha mãe Helena, meus filhos Priscila e Filipe. Minha nora Suzane, Meus irmãos Ramon, Alberto Carlos e Adriana Carlos Alberto e Marcia, Mauricio e Adenide. Tios, tias. Primos e primas.

Meus sobrinhos, Amados Leticia, Henrique, Sabrina, Felipe, Gabriela, Franciele, Jean, Jeferson, Arthur, Daniele, Laura, Vanessa.

À minha amiga Rafaela Azevedo, que muitas vezes me ajudou e trouxe uma palavra de carinho.

A todos os professores que participaram dessa minha caminhada acadêmica. Em especial os professores Maria Hermínia Lage, Eneida Oto Shiroma, Juliana Lessa, Patrícia Laura Torriglia, Gilka Elvira Ponz Girardello, Ione Ribeiro Valle, Marlene Dozol, Orlando Ednei Ferretti, Juarez Tiesen, Rosalba Maria Garcia, Ida Mara, Lúcia Schneider Hardt, Luciane Maria Schlindwin, Lilane Maria Moura Chagas, Maria Aparecida Lapa Aguiar, Vânia Beatriz Monteiro da Silva, Ademir Valdir Santos, Suze Gomes Scalcon, Jussara Brigo, Daniela Corte Real...

Às amigas, Maria Luiza, Gesse, Mariana, Bruna, Thaise, Joyce, Caroline, Laura, Virgínia, Amanda, Juan, Aline, Maria Flores, Maria de Lurdes, Camila, Lívia, Marcelo e tantos outros colegas que direta ou indiretamente participaram deste trajeto.

RESUMO

Diariamente no universo escolar, vivenciamos momentos diversos, em que necessitamos a todo o momento estar vendo, revendo e refazendo a nossa prática escolar. Necessitamos buscar concepções que nos ajudem a pensar essa prática e assim buscar estratégias para realizar um trabalho educativo que venha ajudar nossos alunos a serem leitores, a desenvolverem habilidades, a conhecerem novas coisas, a crescerem culturalmente. Entendemos que a literatura infantil possa estar colaborando na escola através da leitura de diversos livros, na leitura de vários gêneros textuais, na contação de histórias. Metodologicamente a pesquisa se caracterizou como qualitativa e em relação aos seus objetivos constitui-se como bibliográfica e descritiva. Foram fundamentais os estudos de Filho (2000), Rosa e Nunes, 2011 Carvalho (2009) Pennac, (1993), Monteiro e Correia Baptista (2009) entre outros. Assim, nesse estudo analisamos e levantamos as estratégias e práticas pedagógicas situadas por professoras do Colégio de Aplicação da UFSC como as utilizadas em sua prática diária como o objetivo de formação de leitores.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: justificativa e problematização da pesquisa.....	6
2. OBJETIVOS.....	10
2.1 Objetivo Geral.....	10
2.2 Objetivos Específicos.....	10
3. ASPECTOS TEÓRICOS- METODLÓGICOS.....	11
4. REFERÊNCIAS TEÓRICOS.....	13
5. ANÁLISE E RESULTADO DA PESQUISA.....	23
5.1 A formação dos docentes no campo da literatura infantil.....	26
5.2 Práticas de leitura na escola.....	26
5.3 As práticas e estratégias de leitura.....	32
5.4 A função da Literatura na escola.....	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
7. REFERÊNCIAS.....	53
8. ANEXOS.....	54
Anexo A.....	54
Anexo B.....	55
Anexo C.....	56
Anexo D.....	59
Anexo E.....	65
Anexo F.....	67

1 INTRODUÇÃO: JUSTIFICATIVA E PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Já faz algum tempo que venho procurando buscar respostas sobre diversas situações que ocorreram durante o tempo, desses quase vinte anos que estive em sala de aula com meus alunos. Muitas vezes questioneei minha prática pedagógica e procurei buscar estratégias e informações que me ajudassem a fazer o melhor para meus alunos, tanto nos cursos que a rede pública como também a rede particular me ofereciam. Ou mesmo na busca de informações em tantos outros lugares, ou na minha experiência de vida.

Assim, ao ver-me envolvida intimamente com as letras e o gostar de ler e escrever, pois já têm alguns anos que amadoramente escrevo minhas poesias, minhas crônicas, meus romances. E também de ter participado em um grupo de poetas chamado Grupo de Poetas Livres, aqui em Florianópolis, durante alguns anos, tendo poesias e crônicas publicadas em duas antologias do grupo, bem como outras poesias que foram publicadas num projeto chamado “Viajando com poesia” em que tive alguns poemas circulando nos ônibus de Florianópolis. Como também outras poesias publicadas em outros projetos do grupo. Tinha muita vontade de passar para meus alunos esta paixão tão grande que tenho pela leitura, pela poesia, e por escrever sempre que tinha vontade, sempre que a inspiração surgia como um vento que vinha vagarosamente e tomava conta de todo o meu ser. Via que esta vontade não podia ser só minha, por certo muitas crianças tinham também esse desejo.

Dessa forma, como apreciadora da arte, da literatura e principalmente da poesia, pude durante muito tempo estar levando meus alunos a se interessarem pela leitura de diversas obras. Sempre estive questionando o que fazer para levar meus alunos a obterem o gosto pela leitura, a terem prazer em pegarem um livro e sentirem a vontade de ler outro, ou de ler o mesmo livro várias vezes. De escreverem textos e poemas, não porque são obrigados, mas por gostarem de criarem suas próprias produções, de escreverem seus próprios textos. Porém ao me adentrar nos estudos para este TCC, passei a conhecer coisas novas, maravilhosas que me abriram os meus olhos tanto para a minha própria escrita, como para o que deveria repensar em minha prática pedagógica. Muitas vezes voltei em pensamento a alguma atividade que fiz com meus alunos e vi que teria que repensar fazer de outro jeito. Buscar outras estratégias, envolver de outro

jeito, estudar mais. Aceitar principalmente que algumas coisas teriam que mudar. Principalmente em relação à formação deste leitor que tanto me preocupei em ajudar a compreender os processos de leitura. Pensei nas leituras dos livros e as Atividades pedagógicas que foram feitas com eles. Pensei nas sínteses, nas fichas de leitura feitas com a intenção de formá-los leitores. E pensei estava errado o que fiz ou estava certo? Apesar destas dificuldades percebidas me senti feliz, pois, já consigo ter uma nova visão quanto à formação de um leitor.

Agora, ao refletir sobre minha prática, estarei tendo condição para diferenciar o que posso utilizar com meus alunos e o que não posso. Ou mesmo se utilizar algumas atividades ou estratégias que não deveria, refletirei o máximo possível sobre a mesma.

Entendo que o professor traz consigo ao longo dos anos trabalhados, muitas experiências e conhecimentos que podem ser compartilhados, repensados, renovados, divididos com outros professores e alunos e quem assim desenhar novas propostas.

Mediante esta reflexão de minha prática me direcionou a optar nesta pesquisa tomar como objeto de estudo a compreensão de estratégias e concepções das práticas de literatura infantil na ótica de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto do Colégio de Aplicação – UFSC.

Nesse sentido, tal questão emerge ao pensar nas mudanças que ocorreram na educação de nove anos¹ e o quanto isto vem exigindo práticas e ações que acontecem no contexto escolar, particularmente em relação à importância de se procurar meios que levem as crianças a serem leitores assíduos e com envolvimento. Partimos do entendimento que a literatura é uma arte e que pode ser manifestada por meio das diversas linguagens.

Compreendendo que as crianças ao lerem e ouvirem histórias, ao contarem ou recontarem outras histórias, ao interpretá-las e dramatizá-las podem nestes momentos vir a analisar a sua realidade, seus pensamentos, seus interesses, principalmente quando em contato com diferentes leituras e textos. Percebemos o quanto é significativo estar disponível para elas diferentes leituras que venham ajudá-las a serem leitores interessados e que estejam sempre desejando algo mais. A ampliação da visão de mundo se dá em um novo texto, um novo conto, uma nova poesia, uma nova aventura. Vimos à necessidade então, de dialogarmos com alguns autores que veremos no

^{1 1} Conforme a Lei nº11. 274 institui-se o ensino fundamental de nove anos de duração com a inclusão das crianças de seis anos de idade.

decorrer deste trabalho de conclusão de curso, para entender melhor, quais concepções e estratégias são desenvolvidas no sentido da formação de leitores.

Observamos que há necessidade de termos um olhar mais apurado em relação à literatura infantil na sala de aula. Entendemos que o professor precisa, a todo o momento, proporcionar as crianças situações que as levem a ter mais interesse pela leitura, para que nestes instantes ao se deliciarem em uma história, um conto, uma poesia, deixem fluir sua imaginação e venham percorrer nas leituras e conhecer coisas novas.

Para que isso aconteça é necessário perceber o quão significativo é entender esta literatura não como recurso pedagógico, mas como algo prazeroso que estimule o estudante a ter uma prática diária de leitura e a liberdade para imaginar, recontar, interpretar e criar seus próprios textos.

A partir disso destaca-se a importância de proporcionar às crianças momentos mágicos em que a literatura se faça presente como na hora do conto, que pode ser realizada na biblioteca, na sala de aula ou em outros lugares que sejam propícios no ambiente escolar.

Como professora dos anos iniciais do ensino fundamental constantemente observa a importância e a necessidade de trabalhar de forma diferenciada com a literatura infantil em sala de aula, para que as crianças venham despertar o gosto pela leitura. Nestas minhas caminhadas pelas escolas, tenho visto poucos trabalhos que estejam ligados a esse assunto tão importante que é a formação de leitores, ou mesmo pouco interesse dos professores em trabalharem de maneira com mais assiduidade em sala de aula a literatura infantil sem estarem dando uma conotação pedagógica para ela. Bem como percebendo o quanto precisava mudar minhas ações, senti a necessidade de estudar e mudar algumas de minhas práticas pedagógicas. E com essa certeza que precisava mudar, passei a busca sempre algo novo. Fui estudando, me aprimorando, participando de capacitações, para que ao estar em contacto com as crianças, pudesse lhes proporcionar novas experiências com a literatura. Contanto ao repensar a minha prática, a partir deste estudo percebi o quanto meu entendimento sobre a formação de um leitor ainda precisava ser mudada.

Durante o tempo em que estive com meus alunos em sala, realizei alguns trabalhos. vi o quanto eles se envolveram, e manifestaram suas opiniões tanto nas discussões sobre as histórias contadas oralmente, bem como na recontagem da mesma, ou na interpretação através de peças teatrais, na leitura de histórias, ou mesmo nas horas

em que compartilhávamos nossas horas preciosas ao lermos livros sentados no nosso cantinho literário construído na sala.

Muitas vezes diversifiquei minhas aulas contando ou lendo histórias para os alunos na biblioteca, no pátio da escola, na sala de aula. Utilizei vários gêneros textuais. Onde pude declamar poesias para os alunos e eles para mim e para seus colegas. Li livros interessantíssimos de literatura e alguns que até talvez não leia mais. Utilizei-me de aventais em que sobre eles ia contando a história e colando as cenas no avental. Também internalizei vários personagens e me vesti feito eles para que ficassem interessantes e fizessem com que os alunos entrassem na história e através da sua imaginação voassem longe. Fui boneca, bruxa, homem, mulher, animal e tantos outros personagens que muito me trouxeram satisfação em ver o interesse e a alegria dos alunos com os olhos fixos e encantados com o que estavam vendo e ouvindo.

Nesses anos trabalhados também percebi em muitas escolas a importância da hora do conto na biblioteca e o empréstimo de livros de literatura para as crianças. Sendo que em algumas escolas estes livros eram distribuídos sobre as mesas da biblioteca e os alunos escolhiam sem nenhuma indicação ou mesmo seleção do professor regente ou do bibliotecário. Sempre notei grande satisfação dos alunos em pegarem livros diversos para lerem ou levarem para lerem em casa.

Em outros momentos participei de concursos literários com os alunos e vi a satisfação deles ao perceberem seus textos lidos, digitados ou escritos e expostos. Percebo assim que trabalhar com literatura infantil, incentivá-los a serem leitores constantes, além de trazer satisfação para o professor abre novas portas para que o aluno possa se expressar com mais facilidade e autonomia.

Dessa forma, a partir de tantas experiências, como professora nas escolas da rede estadual de Florianópolis e de São José, na rede municipal de Florianópolis e de São José e em uma escola particular, também nos meus estudos na graduação e na formação continuada nas redes de ensino. Venho tentando a cada dia buscar novos meios que me ajudem a levar os alunos a se interessarem a se envolverem, a gostarem de ler, ouvir, de recontarem histórias e estarem criando e escrevendo as suas próprias histórias. No decorrer dessa caminhada ao estudar e me aprofundar, pude proporcionar as crianças momentos diferenciados. Pude participar juntamente com elas, do que estava sendo proposto, do que estava sendo vivenciado. Com isso, me envolvi e fiz parte deste contexto e tornei-me também um leitor. Pois, Segundo CARVALHO (2009, p.53) “É

importante que o professor seja leitor, para que o aluno aprecie este universo que parece instigá-lo”.

Entendemos a importância de a criança estar constantemente envolvida com a linguagem e com a arte, pois a partir do momento em que se entrosarem com essas manifestações, artísticas darão significados a elas e irão se apropriar de novos conhecimentos.

Pensando nesse contexto, esta pesquisa tem como questão problematizadora analisar: Quais são as práticas escolares desenvolvidas e reconhecidas pela escola para o uso de Literatura infantil?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender as estratégias e concepções das práticas de literatura infantil na ótica de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental no contexto do Colégio de Aplicação.

2.2 Objetivos específicos

Apresentar estudos teóricos e metodológicos sobre literatura infantil, suas funções e usos na escola (nas práticas pedagógicas).

Identificar práticas de uso da literatura infantil no âmbito dos anos iniciais do Ensino Fundamental e suas contribuições na formação do leitor.

3 ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e de caráter exploratório. O objetivo de uma pesquisa exploratória é aproximar-se de um assunto ainda pouco aprofundado pelo pesquisador, no sentido de buscar ampliar saberes sobre o assunto em pauta, neste caso as estratégias e práticas de literatura infantil nos processos de escolarização. Desse modo, compreende-se “a pesquisa exploratória tem com o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema” (GIL, 2008, p.41).

Em relação aos procedimentos da pesquisa será realizado o estudo bibliográfico e o uso de questionário.

Entendemos que a opção pelo estudo bibliográfico traz ao pesquisador iniciante mais segurança, conhecimento e domínio sobre o foco do seu problema e assim terá uma visão mais clara e aprofundada do assunto podendo ter uma melhor análise dos dados. É necessário que o pesquisador perceba que terá que buscar elementos em suas leituras para defender a solução de um problema. Por isso terá que estudar e fazer uma seleção rigorosa do que lê.

Severino (2002, p.39) destaca que “A documentação bibliográfica deve ser realizada paulatinamente, á medida que o estudante toma contato com os livros ou com os informes sobre os mesmos”.

Percebemos que á medida em que vamos pesquisando, vamos encontrando subsídios para enriquecer nosso trabalho,

Com isso entendemos que com todo nosso envolvimento nas leituras que estamos realizando dia-a-dia, juntamente com as informações que obteremos dos professores, teremos mais autonomia para analisar, refletir e concluir nosso trabalho com clareza e criatividade. Concordamos com Severino quando diz que:

Quaisquer que sejam as distinções que se possam fazer para caracterizar as várias formas de trabalhos científicos, é preciso afirmar preliminarmente que todos eles têm em comum a necessária procedência de um trabalho de pesquisa e de reflexão que seja pessoal, autônomo, criativo e rigoroso” (SEVERINO, 2007, P.145).

No decorrer do estudo foi apresentado um questionário com perguntas abertas para seis professoras do Colégio de Aplicação, as quais estarão relatando suas práticas em relação ao trabalho literário que desenvolvem com seus alunos.

Ainda nesta pesquisa ao focar e a dialogar com diversos autores sobre a importância da formação do leitor nas Séries iniciais do Ensino Fundamental, pois assim, me possibilitou mais subsídios para tirar minhas conclusões e escrever com mais segurança.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Para entendermos o que é literatura, temos que pensar em tantos textos que circulam em nosso meio durante toda a nossa vida. Tanto os mais simples como os mais complexos. Como um conto, uma poesia, uma música. Estaremos aqui fazendo um breve histórico da literatura infantil.

Na metade do século XIX a literatura infantil era utilizada apenas como recurso pedagógico.

Segundo José Nicolau Gregorin Filho, em 2009, no livro *Literatura infantil, múltiplas linguagens na formação de leitores*. Filho destaca que autores questionavam se literatura infantil era literatura ou arte. Devido á grande discussão sobre o fato dos textos estarem sempre relacionado á práticas pedagógicas.

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível /impossível realização (COELHO, 2000, p. 22).

Filho (2009) dá exemplos ainda dessa literatura que poderia ser um recurso para uma prática pedagógica ou para um fazer artístico. Cita Edmundo Amicis, escritor italiano que com a obra *Coração*. Escrita em 1886. Tanto as cenas, como as personagens deste livro mostram: “a variada e perturbadora alma humana nos anseios, sofrimentos, alegrias e paixões” (FILHO, 2009, p. 23). Esta foi considerada uma obra prima da época. No Brasil, Valentim Magalhães, elabora uma tradução desta obra em 1908. E ela passa a entrar nas escolas brasileiras e é lida por todas as faixas etárias.

Assim, no início do século XX, conforme relata Filho (2009), essa obra vem trazendo um didatismo moralizante: “[...] aprende com ele a lição do trabalho, do patriotismo, da virtude e da generosidade” (FILHO, 2009 p.23-24).

Já Tales de Andrade, em 1919, lança o livro *Saudade*, que traz como tema central o rural onde esse tema será muito usado por autores da época. Como Viriato Correa, Adelina Lopes Vieira, Olavo Bilac, Júlia Lopes de Almeida e Manuel Bonfim.

Segundo Filho (2009), esses autores foram muito lidos e exerceram grande influência na literatura infantil. Seus livros traziam algumas funções como: “o lúdico, o

catártico e o libertador, além do cognitivo e do pragmático, já que visa a preparar o indivíduo para a vida num mundo de repleta diversidade” (FILHO 2009, p. 30).

O autor destaca que Monteiro Lobato trazia algo novo, algo que nunca teria sido feito antes. Ele se utilizava da teoria evolucionista e com isso explicava o destino da sociedade. Sua literatura vinha trazendo histórias referentes aos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Segundo o autor “Evidentemente, Lobato foi o precursor de uma nova literatura destinada às crianças no Brasil, uma literatura que ainda passaria por inúmeras transformações, por uma ditadura militar e por grandes mudanças na tecnologia e na sociedade.” (FILHO 2009, p.29).

Este autor continua destacando que estas mudanças foram importantes para a literatura infantil, pois trouxeram à tona nessa literatura discussões referentes aos diversos valores em variados contextos pertencentes ao Brasil. Em sua literatura através de seus personagens infantis, traz a manifestação dos sentimentos e das vozes das crianças.

Essas mudanças foram, de maneira histórica e dialógica, trazendo para a literatura infantil a diversidade de valores do mundo contemporâneo, o questionamento do papel do homem diante de um universo que se transforma a cada dia e, além disso, trouxeram também as vozes de diferentes contextos sociais e culturais presentes na formação do povo brasileiro, sua diversidade e dificuldades de sobrevivência e o mais importante, trouxeram as vozes e sentimentos das crianças para as páginas dos livros, para as ilustrações e para as diferentes linguagens que se fazem presentes na produção artística para crianças (FILHO 2009, p.29)

Já Rosa e Nunes (2011, p.2), destacam que Monteiro Lobato seria o grande marco na literatura infantil do Brasil, trazendo novos e diversificados gêneros literários fazia com que seus textos aguçassem a imaginação das crianças. Para elas “o autor Monteiro Lobato representa o marco da literatura infantil em nosso país, com sua obra diversificada quanto aos gêneros literários”.

As autoras também destacam que as obras desse autor, deixavam as crianças encantadas, pois quando estas adentravam no mundo das fantasias passavam a desenvolver a imaginação.

Dessa forma, a literatura infanto-juvenil tornara-se, por várias gerações, um marco na vida de crianças, que se encantaram com muitas obras literárias, devido à inserção em um mundo de fantasias,

histórias, contos, o que favorecia o desenvolvimento do imaginário delas (ROSA e NUNES, 2011 p.2).

Conforme Filho (2009), outros autores vêm com uma nova proposta, são eles: Carlos Queiroz Telles, Pedro Bandeira, Lúcia Pimentel Góes, Ziraldo e Roseana Murray.

(...) trazem as vozes das crianças e o universo cotidiano com seus conflitos para serem lidos/ vistos/sentidos na literatura infantil de hoje, conflito esses levado às crianças com uma proposta de diálogo, não somente de imposição de valores, por meio de uma literatura que busca a arte, sua característica primeira (FILHO, 2009 p.30).

Percebemos que essa literatura infantil que coloca os problemas vividos pelas crianças em sua vida diária, não traz somente valores e regras, os quais a criança tem que seguir. Ela possibilita a criança a dialogar com o conteúdo do livro e através da leitura perceber que sua história de vida, seus pensamentos, seus desejos podem ser compartilhados e também parecidos com os de seus colegas.

Com isso, percebemos que atualmente já encontramos vários livros infantis que já não trazem questões moralistas, com o intuito de moralizar as crianças. Encontramos livros literários que além de trazerem a ficção, a aventura, o drama, a comédia, o romance, vêm trazendo também alguns questionamentos importantes que levam as crianças a pensarem, a questionarem, a opinarem, a criticarem, a dialogarem com seus colegas, professores, pais, dentre outras pessoas que conhecem, a exemplo da questão da afro-descendência, do bullying, da violência com a criança de diversas maneiras, da importância da amizade, das crianças com necessidades especiais, etc. Todos esses questionamentos vêm sendo vistos pelos alunos nos livros de contos infantis, nos gibis e em vários gêneros textuais como nas poesias, nas letras de músicas e em muitos outros livros ou textos. Observamos que esse tipo de literatura infantil é a que mais está presente nos dias atuais quando observamos o contexto da criança.

Pretendemos, então, conhecer e entender as influências na literatura infantil no período atual comparando com o tempo que já se passou, bem como procurar novos meios que levem o aluno a gostar de literatura, a ser um bom leitor e com isso desenvolver-se através do que lê, através do que conhece, passando a construir a sua produção escrita. Não uma produção que venha incutida de valores mais que ela possa se expressar sem imposições, com argumentos e posições coerentes.

Sabendo que, no ambiente escolar, a leitura de livros acontece de diversas maneiras, cito a hora do conto como um momento muito importante. Pois é através dele que a criança vai descontraidamente ouvir histórias, contar suas histórias, recontar outras histórias e desta maneira vir a ter gosto pela leitura de vários livros e posteriormente vai se expressar de diversas maneiras. Uma dessas maneiras se daria na hora do conto, onde a criança, com a mediação da professora ou da bibliotecária, se envolverá ouvindo várias histórias como contos de fadas, poesias, etc e, assim, passe a participar de rodas de leituras, a dramatizar, a imitar, a cantar, a declamar. A partir desses momentos, coloque suas ideias em evidência e vá interagindo com a professora ou bibliotecária e com seus colegas. Levando, assim, a desenvolver a imaginação, e o senso crítico na criança.

A hora do conto a princípio deve ser feito na biblioteca, pois coloca o aluno em um maior contato com os livros e com os projetos literários que geralmente são desenvolvidos nas bibliotecas. Porém, como em algumas escolas sabe-se que as bibliotecas são precárias, podemos fazer a hora do conto na sala de aula ou em um outro ambiente da escola, como no pátio, na quadra de esportes, etc. Ela pode ser feita pela bibliotecária ou professora, que vai ler ou contar histórias oralmente.

No livro *Biblioteca escolar e práticas educativas o mediador em formação*, Giroto e Souza, dialogam com José, destacando o quanto a arte de ler mexe com o imaginário das pessoas.

(...) uma arte extremamente envolvente e que pede participação: a arte de ler oralmente e de contar histórias. As histórias refletem a expressão artística e o imaginário de uma pessoa, uma comunidade ou um povo. Assim, ler e contar oral e expressivamente são artes próximas do teatro. Atraem crianças, sobretudo, mas também nós adultos. Têm o poder de sair do fato local para o universal. Criam intercâmbios entre as pessoas de realidades e nacionalidades diferentes. Penso que a educação seria mais interessante, envolvente, eficiente e divertida, se as escolas abrissem seus programas para deixar entrar neles muitas e muitas histórias, lidas ou contadas (GIROTO E SOUZA 2009, apud JOSÉ 2007, p. 21).

Carvalho (2009) destaca ainda que para disponibilizarmos certos livros para as crianças é necessário ter alguns cuidados.

Alguns cuidados devem ser tomados. Inicialmente, é interessante que o professor prime pela qualidade da literatura que disponibilizará aos seus alunos. De que forma? Buscando conhecer um acervo de qualidade estética, acervo que posteriormente ele disponibilizará aos alunos (CARVALHO 2009, p.54).

É notório pensar que precisamos elencar alguns critérios que nos levem a uma escolha adequada das literaturas infantis, como observar a capa, o nome do autor, do livro, os textos e tantas outras coisas mais que são necessárias para garantir uma boa leitura. Em sua tese, dialogando com Neitzel, Carvalho (2009) destaca cinco critérios importantes para o professor observar na hora da escolha do livro.

- 1) Aspectos gráficos: que compreende a capa, a textura das folhas, as ilustrações, o tipo de material (pano, plástico) e o tipo de letras (caixa baixa ou alta).
- 2) Paratextos: nome do livro, do autor, editora, prêmios recebidos.
- 3) Conteúdo :temática (o livro como por exemplo, a água, sendo que o enredo todo é organizado em prol de um objetivo didático?).
- 4) Aspectos literários: gênero lírico, narrativo, dramático ou é um livro de imagens sem texto.
- 5) Filiação teórica: indica a concepção de literatura (CARVALHO 2009, p.54) .

Esses critérios nos mostram que não é só ir á biblioteca e pegar qualquer livro e dar para a criança ler, ou mesmo encher a sala de literaturas sem ao menos estar á par do conteúdo das mesmas. É necessário estar atenta a tudo que está inserido fora e dentro do livro de literatura.

Assim, questionando sobre o meu trabalho literário com meus alunos e o trabalho de alguns professores que conheci (ou mesmo aqueles em que observei através de leituras acadêmica ou não acadêmica), percebi que essa prática tão antiga de contar histórias, vem sendo pesquisada, estudada e utilizada por alguns professores e acadêmicos. Esta é uma prática que leva as crianças a ficarem mais atentas, com mais vontade de conhecer, aprender e vivenciar novas situações. Contar e ouvir histórias também proporciona aos alunos momentos mágicos e únicos de descontração, de satisfação, de alegria, de interação entre alunos e professores. Nesses momentos literários os alunos podem viajar em sua imaginação e trazerem para si oportunidades de adquirirem novos conhecimentos e assim serem capazes de interpretar o que venham a ler e expressarem seus conhecimentos através da escrita de textos.

Entendemos que, com a mudança do ensino de oito anos para nove anos, é necessário mudar as práticas pedagógicas que há muito tempo predominavam nas séries pelo ser criança.

Em relação à leitura, não podemos entendê-la como uma simples ação de decodificação de símbolos gráficos. Precisamos organizar práticas em que as crianças

analisem criticamente o que estão lendo. Nas mudanças em relação ao Ensino Fundamental de nove anos, é perceptível que as crianças adquiriram novos direitos. Direito a uma educação e a uma formação adequada e de qualidade. Direito a terem professores formados que possam levá-los a ter uma participação mais efetiva na construção de seus conhecimentos. Ler, entender e interpretar o que está lendo é de grande importância. Direito a gostar ou não de ler. Nesse sentido, Daniel Pennac destaca:

O verbo ler não suporta o imperativo. Aversão que partilha com alguns outros: o verbo “amar”... o verbo “sonhar”... Bem, é sempre possível tentar, é claro. Vamos lá: ”Me ame!” “Sonhe!” “Leia!” “Leia logo, que diabo, eu estou mandando você ler!” (PENNAC, 1993, p13).

Entendemos que a leitura imposta faz com que a criança se distancie dela. Arrume argumentos para deixá-la de lado.

Segundo Monteiro e Correia Baptista (2009)

Ler significa compreender os propósitos explícitos e implícitos da leitura e fazer uso de conhecimentos relevantes para interpretar a informação. Por sua vez, escrever não é a imagem de uma transcrição do próprio pensamento. Escrever exige que o sujeito reflita sobre o conteúdo, reorganize as idéias, busque a melhor forma para expressar suas intenções, representando os possíveis destinatários e controlando todas as variáveis que estão ao seu alcance em um intento de que o texto que se escreve esteja o mais próximo possível do texto que se lê (MONTEIRO e BAPTISTA, 2009, p.29).

Diante dessa mudança a escola e professores vêm enfrentando desafios em relação ao fazer pedagógico. Desafios esses que surgem em relação ao ato de pensar as práticas diárias. Essas mudanças de suas práticas dependerão de como o professor estará lidando com elas, de como ele se relaciona com os textos literários, que concepção de literatura ele tem. Está se informando? Estudando?

Buscando conhecer as leituras que estão circulando na atualidade? Que tipo de literatura estará se utilizando? Entende-se e defende-se uma literatura mais estética e fruitiva. Segundo o dicionário Aurélio², fruição significa “ato ou efeito de fruir, posse, gozo”. O aluno precisa, assim, deixar fruir sua imaginação, e ao adquirir o prazer, gosto

² Dicionário Aurélio Beta, disponível em < <http://www.dicionariodoaurelio.com/Fruicao.html>> - acessado em: 21/09/2013.

pela leitura venha conhecer coisas novas. Dessa forma, nas situações criadas diariamente pelo professor, através da imaginação a criança vai manifestar suas criações.

No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde á realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando possível a criação artística, a científica e a técnica (SMOLKA, 2008, p.14).

Assim, compreendemos que desde o momento que a criança começa a desenhar, a dançar, escrever uma peça teatral, ela passa a manifestar sua imaginação criadora. “Da mesma forma, a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas ,mas por toda a parte em que o homem imagina , combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparando ás criações de gênios.” (SMOLKA, 2008, p.15-16).

Entende-se que a imaginação está presente na realidade da criança, no que ela vivencia e faz diariamente: “que toda obra de imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (SMOLKA, 2008, p.20).

A imaginação está ligada à realidade e, para Carvalho (2009 apud VIGOTSKI, 1998, p.28), “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista”.

Para que a criança venha desenvolver o gosto pela leitura é importante oportunizar momentos em que ela possa escutar e envolver-se. Vimos a hora da contação de histórias como algo significativo para a criança.

O estudo sobre a literatura infantil e a educação escolar possibilita pensar que para a formação da criança é preciso que ela escute histórias para se tornar um bom leitor e um bom ouvinte, ou seja, a contação de histórias por parte do educador, dos pais e dos próprios alunos torna-se um importante elemento para a constituição de bons leitores (ROSA E NUNES, 2011, p.3).

Constatamos, então, a literatura infantil como uma grande auxiliadora na aprendizagem dos alunos, pois vai dar meios para que o professor leve o aluno a

desenvolver o gosto pela leitura, a aguçar o seu senso crítico, a desenvolver habilidades de ler e escrever e de soltar sua imaginação.

Desse modo, percebe-se que a criança, ao chegar à escola, vem munida de muitos conhecimentos e interesses, e assim essas crianças chegam à escola, inseridas em ambientes de leitura e escrita.

Conforme Carvalho (2009, p.52)

Ler o mundo será o primeiro contato da criança com o universo que a acompanhará por toda a sua vida. Seu olhar se interessa por objetos e todo este mundo que se destina a seus olhos. E este interesse a leva a buscar por referências que observa nos adultos, por repetição ou mesmo por imitação.

Entendemos que desde muito cedo as crianças já estão convivendo com a língua oral em momentos diferenciados, e ao chegarem à escola trazem consigo uma grande quantidade de informações. Essas crianças já conhecem variados gêneros textuais como embalagens, bula de remédios, outdoors, diversos livros literários. Elas trazem em suas falas, histórias que foram contadas pelos pais, tios, avós, amigos. Histórias diversas que encantaram as crianças. Percebe-se com isso, que ao ouvirem tantas informações, interagem com seus familiares e amigos e repetem suas histórias.

Nesta movimentação, com o passar do tempo, a criança vai ampliando e se apropriando de conhecimentos, a partir das experiências que trazem, e das experiências que são disponibilizadas para elas, como nas manifestações artísticas e culturais. Ao assistirem peças de teatro, ver filmes, escutarem músicas, participarem de exposições. Terem também ao seu alcance livros diferenciados de diversos autores e pertencentes a diversas épocas.

Borba e Goulart destacam que:

“A arte, a linguagem e o conhecimento fazem parte do acervo cultural do homem, como resultado de suas necessidades filosóficas, biológicas, psicológicas, entre outras. Estabelecemos novas realidades, novas formas de inserção no mundo e de visão deste mesmo mundo, quando, como autores e atores, dançamos, pintamos, tocamos instrumentos, entre muitas outras possibilidades, elaborando e reconhecendo de modo sensível nosso pertencimento ao mundo” (2007, p.48).

Ao entrar em contato com a linguagem e com a arte, a criança passa a ter novas experiências e com isso terá um olhar diferenciado. E ao compartilhar e interagir suas descobertas com seus colegas e professores estará vivenciando novos momentos.

Entendemos assim a importância da criança estar constantemente envolvida com a linguagem e com a arte, pois a partir do momento em que se entrosarem com essas manifestações, artísticas darão significados a elas e irão se apropriar de novos conhecimentos.

Carvalho (2009) destaca três concepções de literatura: a literatura como informação, a literatura pedagógica e a literatura estética. A literatura como informação surge a partir do séc. XVI com as crônicas de viagens. Como a Carta de Pero Vaz de Caminhas, enviada ao rei D. Manuel. Percebe-se que no dia-a-dia vemos estas literaturas através de revistas, jornais entre outros.

A literatura pedagógica é utilizada na escola como um meio de apresentar os conteúdos para as crianças. É usada quando se quer passar algum conceito de moral, valores ou trabalhar um determinado conteúdo pedagógico. Por exemplo: hoje quero trabalhar sobre as plantas, logo, eu pego um livro que vem mostrando ou falando sobre plantas e ali trabalho meu conteúdo e faço uma ou algumas atividades referentes ao livro. Ou um outro exemplo: se a turma está desrespeitando os colegas ou a professora, uso tal fábula, pois traz uma mensagem que se adequa ao conteúdo e lição que quero passar. E lá vem um monte de atividades sobre o texto. Não houve escolha pelo aluno, o aluno não teve um tempo para ler, deixar fluir sua imaginação, tirar suas próprias conclusões sobre o livro e sobre o assunto do livro.

Carvalho diz:

A literatura desse modo evidencia as atribuições entendidas como importantes para a educação, e, por isso, ela tende a afastar o aluno do livro. De maneira geral, este afastamento ocorre na medida em que o professor exige das crianças que leiam com o objetivo de cobrança ao final, entre os mecanismos de cobrança estão as fichas de leitura, os textos explicativos e mesmo o desenho sobre a obra (CARVALHO, 2009, p.62).

A criança precisa de momentos para ler, compreender a mensagem que o autor está querendo passar. Ler nas entrelinhas e fazer descobertas. Ela faz o que a professora pede obrigado, na maioria das vezes desinteressadas. Com vontade que tudo acabe rápido. A autora prossegue dizendo:

Acrescemos a este dado os livros que são, na grande maioria das vezes, disponibilizados às crianças, livros que educam e tem como ponto culminante ensinar valores às crianças. O professor acredita inicialmente que está ensinando o aluno a estudar, a ler e, com isso não percebe que, para educá-lo, é necessário que o professor demonstre que a leitura diferentemente do que pensamos pode ser uma fonte de infinitas descobertas (CARVALHO, 2009, p. 62).

Quando disponibilizamos para as crianças leituras variadas e de qualidade, estamos levando-as a ter um olhar diferenciado. Com isso ela passa a conhecer coisas novas, aprende ,vai fazendo novas descobertas e desenvolvendo novas habilidades. Assim, destaca Carvalho (2009, p. 62) “A partir disso, a criança muda seu olhar sobre o livro e encontra nele um amigo, conectado com seu tempo e as suas necessidades”.

5 ANÁLISE E RESULTADOS DA PESQUISA

Inicialmente, situa-se o contexto em que foi realizada a pesquisa e quem são as professoras que participaram desta pesquisa, apresentando um quadro configurando o seu perfil.

Segundo a sua página da web³, o Colégio de Aplicação foi criado no ano de 1961. Sendo, inicialmente, um ginásio de Aplicação destinado a servir de campo de estágio para a prática docente dos alunos matriculados no curso de Didática (Geral e Específica) da faculdade Catarinense de Filosofia (FCF). Em 15/03/61 recebeu autorização para funcionar como curso Ginásial. Somente em junho do mesmo ano que começou a funcionar como Ginásio de Aplicação. Passando a integrar o Sistema Federal de Ensino.

O Colégio iniciou com a primeira série ginásial, sendo acrescentada aos poucos uma série em cada ano que se seguia. Em 1970, o nome Ginásio de Aplicação foi substituído para Colégio de Aplicação. Passando a ter a primeira série do primeiro ciclo, com curso Clássico e científico. Com a implantação das demais séries do Ensino Médio gradativamente.

Em 1980 foram acrescentadas aos cursos que já existiam o Ensino Fundamental em que foi implementado oito turmas, duas no período matutino e vespertino. Nessa época os alunos que frequentavam o Colégio de Aplicação eram os filhos de professores e de servidores técnicos – administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina.

A partir da Resolução n. 013/CEPE/92, fica estabelecido o número de três turmas por séries, com 25 alunos em cada turma, e o ingresso de alunos no Colégio passa a ocorrer por sorteio aberto á comunidade.

Atualmente o Colégio de Aplicação está inserido no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e atende o Ensino Fundamental e Médio. O colégio fica dentro do Campus Universitário e localiza-se no Bairro da Trindade Município de Florianópolis, e segue a política adotada pela UFSC, que visa atender ao Ensino, Pesquisa e Extensão.

³ Disponível: <http://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca/> Acesso em outubro de 2013.

O instrumento de pesquisa, na forma de questionário foi respondido por oito professoras do Colégio de Aplicação da UFSC que tem a seguinte formação: duas pedagogas, três mestrandas em educação, uma professora mestre, uma doutoranda e uma doutora. Suas idades variam de 24 a 59 anos.

Dessas professoras, seis são efetivas e duas são contratadas em caráter temporário. Três professoras ministram aulas no quinto ano, outras três no terceiro ano, uma no quarto ano e outra no primeiro ano. O tempo de atuação dessas professoras nos Anos Iniciais vai de sete meses a 28 anos. E em relação ao tempo de trabalho no Colégio de Aplicação esse período vai de sete meses a vinte anos. Na seqüência apresenta-se o quadro com o perfila cima identificado.

Quadro 1 – Perfil das professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação/UFSC que participaram da pesquisa⁴

Identificação da professora	Formação	Idade/anos	Tempo de atuação nos anos iniciais/anos/meses	Tempo de atuação no Colégio de Aplicação /anos/meses	Tipo de contratação	Ano e Turma em que trabalha
Alice	Pedagogia /Doutoranda em Educação	40	14	08	Efetiva	1 ° Ano EF
Denise	Mestranda em Educação	32	9	3	Efetiva	2° ano EF
Morgana	Pedagogia	59	28	5	Temporário	3° Ano EF
Cecília	Pedagogia	40	20	3	Temporário	3° Ano EF
Salete	Pedagogia Mestre em Educação	36	10	9	Efetiva	4° ano EF
Suzana	Pedagoga e Mestranda em Educação	46	5	3	Efetiva	5° Ano EF
Mércia	Pedagogia/Mestranda em Educação	24	7 meses	7 meses	Efetiva	5° Ano EF
Janete	Pedagogia/Doutorado em Educação Científica e Metodológica	45	25	20	Efetiva	5° Ano EF

Fonte: Elaborado a partir da pesquisa (2013).

⁴ Os nomes das professoras foram preservados, portanto os nomes destacados na pesquisa são fictícios.

O questionário foi apresentado a essas professoras por meio da Coordenadoria de Pesquisa e Extensão do Colégio, após eu ter encaminhado o Termo de Consentimento e uma cópia do projeto de pesquisa para análise e aceitação da proposta de pesquisa. Responderam ao questionário as sete professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com especial atenção e aprofundamento.

Na sequência apresentam-se a seguir as questões desse questionário, o qual focava tanto questões de *formação no campo da literatura infantil, como sobre os espaços para a leitura na escola, seleção de livros, das estratégias para as práticas de leitura e da importância da leitura para o desenvolvimento das crianças.*

Quadro 2 – Questões apresentadas para respostas por docentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação/UFSC.

Questões dos questionários
1. Você já participou de cursos sobre a literatura infantil? Quais?
2. Você costuma frequentar a biblioteca da escola com seus alunos? Qual a periodicidade dessa frequência?
3. Que tipo de livros as crianças mais costumam selecionar para ler?
4. Como você age para contribuir na seleção dos livros por parte das crianças?
5. A biblioteca da escola conta com profissionais e espaço adequado para as práticas de leitura pelas crianças?
6. Há algum projeto organizado pelos profissionais da biblioteca com o intuito de incentivar a leitura? Quais e comente.
7. Você costuma ler e/ou contar histórias durante suas aulas? Se sim, com que frequência e que estratégia utiliza com esse objetivo.
8. Quais as práticas e estratégias são realizadas no contexto da sua escola para incentivar a leitura e o gostar de ler? Por quem são realizadas essas práticas? Com que frequência?
9. Em relação ao ano/turma que você atua como compreender a função da literatura infantil: a) No desenvolvimento da aprendizagem das crianças? b) Na organização de suas aulas?

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2013).

Essas questões são analisadas e apresentadas a seguir a partir do foco das mesmas, tentando identificar o que situam essas professoras dos seguintes anos do anos iniciais do Ensino Fundamental do início da escolarização: uma turma do 1º ano, duas do 3º ano, uma do 4º ano, e três do 5º ano.

5.1 A formação dos docentes no campo da literatura infantil

Ao ler os questionários de pesquisas realizados com as professoras do Colégio de Aplicação passei a selecionar e destacar alguns itens que achei importante para minha pesquisa. Com isso, comecei a dialogar com a primeira pergunta que vem dando voz aos pensamentos, atitudes e procedimentos realizados por algumas das professoras do Colégio de Aplicação em relação ao seu desenvolvimento pessoal e de suas participações ou atualizações sobre sua formação, através de cursos sobre a Literatura Infantil. Percebi na leitura desses questionários que quase todas as professoras já haviam participado de cursos que traziam a literatura infantil como tema central ou mesmo vinham falando algo sobre ela. Destacamos que as professoras Janete, Mércia, Cecília, Denise Suzana e Alice já participaram de cursos sobre literatura infantil e as professoras Morgana e Salete destacaram que não participaram de cursos referentes a esse tema.

Dentre os cursos citados destacamos: Contação de histórias (SESC), Cantando e contando com arte (UDESC), Grupo de estudos (GEL), na cidade de Blumenau (SC), e Curso/oficina Professor contador de histórias, com Sergio Bello (UDESC). Também foi relatada a presença em seminários referentes ao tema e cursos ofertados pela UFSC na forma de Oficina de literatura com temática afro-brasileira oferecida pelo Colégio de Aplicação e também a Oficina de contação de histórias na Barca dos livros.

5.2 Práticas de leitura na Escola

Continuando a análise, percebi que em relação à frequência de ida à biblioteca, há seis professoras que vão semanalmente, dentre essas seis a professora Salete diz que os alunos também vão à biblioteca em outros horários, a professora Susana vai de quinze em quinze dias e a professora Janete não citou quando ia. Só relatou que os alunos tinham um horário durante as aulas para irem à biblioteca e que às vezes vão sozinhos e outras vezes a professora acompanha os alunos.

Ao relatarem sobre os livros que as crianças mais costumam selecionar para ler, verificamos livros de aventuras, mistério, mitologia, suspense, fantasia, lendas, humor, piadas, poesias, crônicas, contos. Também vimos livros ligados à experiência de vida

como: natureza e mundo dos animais. Livros sobre Florianópolis, sobre as plantas, e livros sobre algumas personalidades estudadas pela turma.

Quadro 3 – Lista de livros indicados como trabalhados pelas professoras da pesquisa.

Coleções	Gibis	Piadas	Outros livros
Meu Querido Diário Otário	Turma da Mônica	Continua Proibido Para Maiores	Como Namorar um Vampiro
Diário de Um banana	Turma da Mônica Jovem		Manual da Garota Descolada
Diário de Uma Princesa	Mafalda		O Menino e o Dedo Verde
Desventura em Série			O Aprendizado de Pequena Árvore
Ciclo da Herança			O Pequeno Príncipe
Coleção Reencontro			Por um Pedaco de Terra
Como Treinar um Dragão			Livros vindos do MEC (crônicas e contos)
Rerry Potter			
Bruxa Onilda			
Coleção Saga Crepúsculo			
Contos de Fada			
Diário de Uma Garota Nada Popular			
As aventuras do Capitão Cueca			

Fonte: Dados a partir da pesquisa (2013).

Essas seleções de livros apresentadas pelas docentes na pesquisa, algumas são feitas pelos alunos e outras são sugeridas pelas próprias professoras.

Ao perguntar sobre como as professoras agem para contribuir na seleção dos livros por parte das crianças, as mesmas responderam: A professora do primeiro ano destaca que as crianças escolhem as histórias. “As escolhas são feitas pelas crianças, no

entanto eu apresento (somente como sugestão) algumas obras que considero literatura de qualidade.” Alice professora do 1º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Denise, a professora do segundo ano diz que uma de suas atividades diária é a leitura:

A seleção de livros pelas crianças é estimulada em algumas atividades do planejamento semanal da turma. Uma atividade é a “Leitura do Dia”: escolho um livro que tenha a ver com estudos e interesse da turma e faço a leitura diária do mesmo, em pequenos trechos. Levamos cerca de um mês para ler cada livro e isso incentiva as crianças a retirarem livros, mesmo com textos maiores. Neste ano, nesta atividade, já lemos Diário de Serafina (Cristina porto), O Pequeno Príncipe Saint-Exupéry e Férias na Antártida (Irmãs Klink). Uma segunda atividade é a “Roda de histórias”: toda segundas-feiras nos reunimos com outras turmas para ouvir histórias contada pelas professoras. As crianças também podem contar histórias se quiserem. Nesses momentos eles ampliam o repertório de histórias. Uma terceira atividade, já mencionada é o “Dia Biblioteca, quando, vamos ao ambiente da biblioteca, explorar livremente o acervo e quando indico algumas obras por autores ou gênero textual (poemas, contos de fada, adivinhas , lendas, etc.” Denise professora do 2º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Precisamos observar e analisar a fala da professora Denise em alguns momentos na resposta dessa pergunta. Observamos que a professora diz que ao estimular a leitura do dia escolhe um livro que tenha a ver com os estudos e interesse da turma. Entendemos que para a formação do leitor realmente o texto tem que ser de interesse do aluno. Porém ao destacar que escolhe o livro que tenha a ver com os estudos, passamos a refletir qual a intenção da professora ao trabalhar esse livro. Seria para apóia-la em uma atividade pedagógica? Ou uma estratégia para alfabetização já que o segundo ano está no início do processo de alfabetização? Entendemos que para a formação do leitor esse momento da leitura do livro deveria ser um momento de fruição. Onde ouvir, contar e ler histórias aconteceria no intuito de levar as crianças ao gosto à leitura e não a uma situação pedagógica.

Destacamos a importância das estratégias utilizada pela professora de estar disponibilizando diversos gêneros textuais para as crianças. Essa atividade estar no planejamento semanal. O tempo disponível que oferece aos alunos na leitura dos livros e a não obrigação de terminar a leitura no mesmo dia. A interação com os alunos das outras turmas.

Também achamos à ida a biblioteca de grande importância, pois ali a criança terá um contacto maior com os livros, com o espaço da biblioteca, com os projetos e com o bibliotecário que pode ajudá-las.

Dentre as duas professoras do terceiro ano, uma deixou não respondeu a pergunta e a outra professora diz que a biblioteca tem prateleiras que separam os livros por faixa etária: “Na própria biblioteca da escola há prateleiras com a seleção dos livros por faixa etária e temos as rodas de leituras na sala de aula onde semanalmente lemos livros.” Cecília professora do 3º ano (Dados da pesquisa, 2013).

A professora do quarto ano diz que procura juntamente com as crianças literaturas novas:

Fico juntamente com as crianças na sala da biblioteca procurando literaturas novas e apresento as crianças, comento sobre a história, leio algumas obras sem impor uma escolha. Algumas crianças parecem que ainda não conseguiram definir seu gosto literário, já que procuram variados títulos, outros, porém já chega e sabe qual querem pegar, não precisando de muito auxílio.” Saete professora do quarto ano (Dados da pesquisa, 2013).

Destacamos este momento realizado pela professora como sendo muito importante. De conhecer várias obras literárias e estar juntamente com a criança oferecendo a criança novas opções de leituras.

No quinto ano uma das professoras não respondeu a pergunta. Das outras duas professoras que responderam, uma destacou que sugere livros para as crianças;

Durante a “aula de leitura” na biblioteca procuro sugerir algumas obras. Quando trabalhamos com o texto de um autor. Levo o livro original ou outras produções dele p/ as crianças conhecerem. Muitas vezes os textos servirão como ponte p/a leitura dos livros, movimento espontâneo das crianças”. Mercia professora do 5º ano (Dados da Pesquisa, 2013).

Percebemos este ato da professora em conhecer diversas obras e sugerir estas obras para as crianças, como algo muito importante, pois esta poderá direcioná-los a boas leituras, entendendo isto como algo significativo para a formação do leitor.

Percebe-se também que esta atividade de trabalhar com textos de autores, de trazer o livro original e outras produções do autor é um grande passo para estar trabalhando as sugestões advindas do processo de letramento, como a escrita e interpretação de textos.

Em relação ao espaço da biblioteca os professores destacaram que a biblioteca conta com bibliotecário, servidores técnicos e bolsistas. A professora do primeiro ano

diz que tem lugares para a prática de leitura. “Sim, temos um local para as crianças realizarem as práticas de leitura na própria biblioteca temos bibliotecários, servidores, técnicos e bolsistas”. Alice professora do 1º ano (Dados da pesquisa, 2013).

A professora do segundo ano também diz que tem um espaço específico para a literatura na biblioteca.

A biblioteca conta com profissionais e um espaço específica pra a literatura infantil com mesas e almofadas para as crianças. Contudo, esse espaço é separado do resto da biblioteca, sendo que muitas vezes as crianças pedem para circulara no espaço “dos grandes” e retiram livros daquele setor. Denise, professora do 2º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Entendemos que a biblioteca é um espaço importante na formação do leitor, pois ao se envolver nas leituras e nos projetos que esta disponibiliza a criança terá um maior interesse nas propostas sugeridas pelo bibliotecário ou professor, o gosto pela litura e a vontade de voltar a esta biblioteca.

As duas professoras do terceiro ano destacaram que também contam com esse espaço. A professora do quarto ano, diz que possui um espaço reservado para as crianças na biblioteca.

A biblioteca possui um espaço reservado para as crianças se acomodarem e ficarem folheando um pouco os livros antes de pegá-los para o empréstimo. Este espaço fica reservado nos dias e horários agendados para cada turma. Porém as crianças não querem ficar somente limitados aos livros e espaço “destinados” para a sua faixa etária, procuram em varias prateleiras livros que chamem sua atenção. Salete, professora do 4º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Para a formação do leitor o interesse pela literatura também vem do seu maior contato com os livros, de conhecê-lo, manuseá-lo, lê-los. Assim acontecerá o interesse por outras obras. E a biblioteca é de grande importância neste momento.

Cabe aqui o professor também estar observando as leituras que os alunos estão se interessando, será necessário fazer questionamentos com eles sobre essas obras?

Das professoras do quinto ano, uma destacou:

A biblioteca conta com bibliotecário, funcionários e bolsistas. Há uma sala reservada aos anos iniciais com mesas e estantes baixas, além de almofadas no chão. Mercia professora do 5º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Vimos a importância de essa biblioteca estar disponível às crianças, pois ao encontrarem um lugar aconchegante para realizarem sua leitura, a criança terá uma

motivação maior em voltar a esta biblioteca. Vontade de descobrir coisas novas, a perguntar, a ouvir histórias, e a selecionar novos livros para sua leitura.

Uma professora não dá muitos detalhes só fala que sim. “Sim” Janete professora do 5º ano (Dados da pesquisa, 2013). Outra professora diz que: “a biblioteca da escola conta com profissionais adequados, porém neste ano, não houve nenhum incentivo à leitura no referido espaço”. Suzana professora do 5º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Sobre a existência de algum projeto organizado pelos profissionais da biblioteca com o intuito de incentivar a leitura, todas as professoras disseram que não foi realizado nenhum projeto pelos profissionais da biblioteca até o momento, e os projetos que existem são coordenados pelos professores da turma.

Alice, professora do primeiro ano, diz que “No momento não há projetos organizados pelos profissionais da biblioteca” (Dados da pesquisa, 2013).

Denise, que é a professora do segundo ano, diz:

Há projetos na biblioteca, como semanas comemorativas a autores, quando se distribuem textos do autor pelo espaço da biblioteca ou como Varal de textos, onde as crianças podem escrever um texto e pendurar no varal para ser lido pelos colegas na biblioteca. Contudo, a atividade de ida das turmas na biblioteca é coordenada pelo professor da turma e não por funcionários da biblioteca. Denise professora do 1º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Vimos o envolvimento das professoras ao levar as crianças para a biblioteca, para os momentos referentes a leitura, escolha de livros e escrita de textos. É a estratégia de estar disponibilizando a leitura e construção de textos para a aprendizagem durante a alfabetização das crianças. É suas obras sendo penduradas na biblioteca para que outras crianças ou pessoas também leiam o que produzirão.

As professoras do terceiro ano destacam que faltam profissionais para executar os projetos, conforme enfatiza a professora do 3º ano, Morgana: “No momento faltam profissionais para a execução de projetos”. (Dados da pesquisa, 2013). A professora Cecília, também do 3º ano, diz que: “No momento faltam profissionais para a execução do projeto para o público infantil, o qual considera de fundamental importância” (Dados da pesquisa, 2013).

A professora do quarto ano relata que anos anteriores havia um profissional na biblioteca.

Neste ano aconteceu um dia em que a biblioteca trouxe uma escritora para falar um pouco com as crianças sobre seu livro, e um pouco da sua história de vida, sua infância, seu gosto pela leitura, enfim, as

crianças gostaram muito da oportunidade. Em anos anteriores havia na biblioteca uma profissional que desempenhava contação de histórias para as turmas e atividades com as crianças relacionadas a leituras, era muito interessante, infelizmente esta prática não acontece mais. Saete professora do 4º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Vimos que a biblioteca do Colégio de Aplicação tem grandes atrativos para as crianças em relação a sua estrutura. Necessitando neste momento de pessoas que criem projetos e se proponham a fazer contação de histórias ou leitura de livros para as crianças. A leitura de livros e a contação de histórias é muito importante, esta faz com que as crianças desenvolvam o gosto pela leitura e conheçam coisas novas.

Janete, professora do quinto ano, diz que já houve um projeto mais efetivo na biblioteca: “Já houve um projeto mais efetivo e direto com as crianças. No momento, os profissionais estão se organizando talvez para pensar outro projeto” (Dados da pesquisa, 2013). Outra professora destaca que em 2013 não houve projetos. “No momento não, como mencionei anteriormente, em 2013, não houve nenhum projeto desenvolvido pelos profissionais da biblioteca.” (Dados da pesquisa, 2013). Mércia, também professora do quinto ano, diz que não tem conhecimento de projetos na biblioteca. “Não que eu tenha conhecimento” (Dados da pesquisa, 2013).

5.3 As práticas e estratégias de leitura

Ao perguntarmos se costumavam ler e/ou contar histórias durante as aulas para as crianças, todas as professoras identificam que leem com seus alunos, mas a prática de contação de histórias é realizada por cinco professoras.

A professora Alice, do primeiro ano, diz que tem o costume de trabalhar com frequência histórias com seus alunos: “Sim, com frequência. Toda segunda organizamos uma roda de histórias em que professoras e crianças dos primeiros e segundos anos contam histórias. Praticamente todos os dias as crianças ouvem histórias” (Dados da pesquisa, 2013).

A professora Denise, do segundo ano, relata que todo o dia lê para seus alunos:

Leio todo dia, às vezes mais de uma vez por dia e a contação de histórias está presente pelo menos uma vez por semana. Além disso, utilizo a estratégia de contar histórias com data show (projeter multimídia), ampliando a imagem da ilustração e explorando o texto dentro do contexto em que o autor colocou na própria obra. (Dados da pesquisa, 2013).

Percebemos que é necessário neste momento ao estar fazendo a leitura diversas vezes durante as aulas, o professor estar questionando, como esta leitura esta sendo feita, é uma leitura mecânica?

As duas professoras do terceiro ano destacam que fazem contação de histórias. Morgana, uma delas, diz que também faz rodas de leituras: “Sim, pelo menos três vezes por semana. fazemos a contação de histórias (por professores e alunos)” (Dados da pesquisa, 2013).

A professora do quarto ano, Salete, relata que trabalhou com o livro “Pequeno príncipe” diz que lia com os alunos dois a três capítulos do livro por dia dependendo do tamanho do mesmo.

No início do ano, como estávamos trabalhando o Universo contei “O pequeno príncipe”, as leituras aconteciam todos os dias, selecionava alguns capítulos para a leitura. Procurando não alongar muito para não ficar cansativo, dependendo do tamanho dos capítulos lia 2-3. Depois combinei com as crianças que os livros escolhidos na biblioteca para leitura também poderiam ser apresentados pelas próprias crianças às demais, como forma de fazê-las conhecer diferentes títulos, ajudando em suas escolhas, caso se interessassem pela história. No retorno das férias lemos (em sala, pois todos tinham o livro) Aladim e Vinte Mil Léguas submarinas. Cada criança lia um pouco e assim como no Pequeno príncipe dependendo do tamanho dos capítulos eram 2 ou 3 (Dados da pesquisa, 2013).

Vimos nestes momentos o envolvimento e a preocupação da professora em oportunizar aos alunos a seleção dos livros pelo gosto de cada um. E também a preocupação com o tempo. Dando espaço para que a história fosse lida com calma para um melhor entendimento da criança.

Sobre a questão do gostar de ler remeto a Pennac (1993), o qual situa que geralmente as pessoas não possuem uma rotina de leitura, um tempo para se debruçar em algum livro e ali desfrutar do prazer dessa leitura. Muitas vezes trocam-se momentos que deveriam ser dirigidos à leitura para assistir um programa de TV ou ficar dormindo, ou fazendo outra atividade desnecessária no momento.

Sabemos que temos todo o direito de fazermos o que bem entendemos com o nosso tempo. Porém não percebemos que deixamos de lado momentos que poderiam ser interessantes. Poderíamos estar através da leitura viajando e conhecendo obras e autores interessantes, descobrindo coisas diversas, entrando em universos diferentes. Porém não fomos direcionados para sermos um leitor. Lemos quando podemos, quando é imposto para nos essa leitura ou quando precisamos de uma informação.

Pennac destaca dez direitos em relação ao leitor e traz no primeiro dos seus direitos que: “a liberdade de escrever não saberia se acomodar com o dever de ler”. (Pennac, 1993, p.145).

Para saber escrever é necessário antes saber se expressar oralmente, compreender os fatos lidos. Como a criança irá escrever se não consegue entende o que leu.

Segundo Pennac (1993):

O dever de educar consiste, no fundo, no ensinar as crianças a ler, iniciando-as na literatura, fornecendo-lhes meios de julgar livremente se elas sentem ou não a “necessidade de livros”. Porque, se podemos admitir que um indivíduo rejeite a leitura é intolerável que ele seja rejeitado por ela. É uma tristeza imensa, uma solidão dentro da solidão, ser excluído dos livros inclusive daqueles que não nos interessam (PENNAC, 1993, p.145).

Já no segundo direito Pennac, diz que *as crianças devem conhecer leituras mais avançadas*. Mesmo que essas leituras não sejam entendidas ou ao lerem pulem as páginas que não entendem. Pois entendemos que mais tarde essa leitura poderá ser interessante e feita com outro entendimento:

Se tem vontade de ler Moby Dyck, mas perdem a coragem diante das digressões de melville sobre o material e as técnicas da caça á baleia, não é preciso que renunciem à leitura, mas que pulem que pulem por cima dessas páginas e persigam Ahab sem se preocupar com os restos, como ele persegue sua branca razão de viver e de morrer! Se querem conhecer Ivan, Dimitri, Aliocha e o incrível pai deles, que abram e leiam. Os Irmãos Karamazov, é feito para eles, mesmo que seja preciso pular o testamento do starets Zózimo ou a lenda grande Inquisidor (PENNAC 1993, p.148).

Ao crescermos até podemos continuar pulando páginas que não nos interessam nos livros, porém nossa leitura deve ser por prazer.

(...) quando nos tornamos “grandes”, mesmo se recusamos confessar, ainda nos acontece de pularmos páginas, por razões que só interessam a nós e ao livro que estamos lendo. Pode acontecer também que nos proibamos totalmente fazer isso, nos obriguemos a ler tudo até a última palavra, julgando que aqui o autor se alongou demais, que ele está tocando uma linha de flauta passavelmente gratuita, que em certos lugares ele se dá á repetição e que, em outros, á idiotice. Seja o que for que digamos, esse aborrecimento teimoso que nos impomos não está na ordem do dever, ele é uma categoria do nosso prazer de leitor (PENNAC, 1993, p.149).

No terceiro direito, esse autor traz “*O direito de não terminar o livro*”. Sempre que nos dispomos a nos debruçarmos sobre uma literatura percebemos que nossos gostos sempre são voltados para certo tipo de leitura, então muitas vezes pegamos um livro começamos a ler e não

conseguimos continuar nossa leitura, deixamos de lado para quem sabe, outro dia continuarmos, só que muitas vezes, passa algum tempo para que novamente retornarmos a ele, ou mesmo nunca mais o abrimos para ler. Assim entendemos que a criança vai selecionando o tipo de leitura que mais lhe atrai. Muitas vezes poderá pegar um livro e não querer ler mais este livro, isso não quer dizer que ela não gosta de ler, temos que estar propondo outras leituras para ela.

Segundo Pennac:

(...) entre nossas razões para abandonar uma leitura existe uma que merece que nos detenhamos um pouco: o sentimento vago de perda. Abri, li e cedo me senti submerso por qualquer coisa mais forte do que eu. Reuni meus neurônios, discuti com o texto, mas não adianta, fico com o belo sentimento de que o que está escrito merece ser lido, mas não pego nada - ou tão pouco que é mesmo que nada -, sinto ali um “estranhamento” que não me prende. Deixo cair. Ou melhor, deixo de lado. Guardo na minha estante com o vago projeto de voltar um dia (PENNAC, 1993, p.150-151).

O quarto direito é “*O direito de reler*”. Que possamos levar a criança a relerem seus livros por vontade, prazer de estar lendo novamente algo que os chamou atenção, os encantou, ou mesmo o que não entenderam, ou não gostaram.

Rer o que me tinha uma primeira vez rejeitado, rer sem pular, rer sob um outro ângulo, rer para verificar, sim... nós nos concedemos todos esses direitos. Mas relemos sobretudo gratuitamente, pelo prazer da repetição, a alegria dos reencontros, para pôr à prova a intimidade (PENNAC, 1993, p.153).

No quinto direito “*O direito de ler em qualquer coisa*”, vimos que a criança tem o direito de ler tanto os livros maus como os bons. Pois mais tarde, quando já tiver lido muitos livros, saberá selecionar e diferenciar os mesmos. Conforme Pennac:

“Durante um certo tempo, lemos os bons e maus, tudo junto. Do mesmo modo que não renunciamos de um dia para outro às nossas leituras de criança. Tudo se mistura. Sai-se de Guerra e Paz para se voltar a mergulhar em livros de aventura. Passo de Sabrina e Júlia (histórias de belos doutores e de louváveis enfermeiras) a Boris Pasternak e o seu Doutor Jivago - um belo doutor, ele também, e Lara uma enfermeira ó quão louvável! Então, um dia, é Pasternak quem ganha. Insensivelmente, nossos desejos nos empurram a frequentar os bons (PENNAC, 1993, p.156).

Com isso o professor poderá ficar feliz em ver seus alunos lendo livros mais significativos para eles. O autor destaca ainda que: “Uma das grandes alegrias do “pedagogo” é - toda a leitura sendo autorizada - a de ver um aluno bater sozinho à porta da fábrica Best-Seller para subir e respirar na casa do amigo Balzac.” (PENNAC, 1993, p. 156).

Já o sexto direito “*O direito de bovarismo*”, entendemos que o professor precisará ter cautela para analisar o gosto dos alunos. Mesmo que suas escolhas não são necessariamente o que o professor deseja no momento. Estas têm grande importância para a criança, pois ela nestes momentos passa a fantasiar, e estará entrando e vivenciando a história lida.

Porém, não é essa escolha que dirá se ela vaia ser um bom ou mau leitor. A partir desta leitura, outras virão. O autor destaca que

É assim, grosso modo, o “bovarismo”, Esta satisfação imediata e exclusiva de nossas sensações: a imaginação infla, os nervos vibram, o coração se embala, a adrenalina jorra, a identificação opera em todas as direções e o cérebro troca (momentaneamente) os balões do cotidiano pelas lanternas do romanesco (PENNAC, 1993, p.157).

Assim não é preciso forçar a criança ler o que ela não quer, mesmo que algumas vezes essas leituras venham trazendo estereótipos que marcam.

Pennac destaca que:

(...) não é porque essa mocinha coleciona Sabrina que ela vai acabar engolindo arsênico numa concha. Forçar mão nesse estágio de suas leituras é nos separar dela, negando nossa própria adolescência. É privá-la do prazer incomparável de desalojar amanhã, por conta própria, os estereótipos que, hoje, parecem deixá-la fora de si (PENNAC, 1993, p. 158).

O sétimo direito “*O direito de ler em qualquer lugar*”. Portanto, a criança pode ler no lugar que se sinta confortável, se sinta bem.

O oitavo direito “*O direito de ler uma frase aqui e outra ali*”. Assim, o aluno poderá folhear o livro e observar, ou colher o que necessita no momento. “É autorizado que nos concedemos de pegar qualquer volume de nossa biblioteca, de o abrir em qualquer lugar e de mergulharmos nele por um momento , porque só dispomos, justamente , desse momento”. (PENNAC,1993. p.162).

O nono direito é o “*O direito de ler em voz alta*”. Entendemos que ao ler o sujeito fica exposto aos que o observam, e isto vai mostrar se sua leitura cativa e envolve outras pessoas ou não.

(...) o homem que lê de viva voz se expõe totalmente. Se não sabe o que lê, ele é ignorante de suas palavras, é uma miséria, e isso se percebe. Se se recusa habitar sua leitura, As palavras tornam-se letras mortas e isso se sente. Se satura o texto com a sua presença , o autor se retrai, é um número de circo, e isso se vê. O homem que lê de viva voz se expõe totalmente aos olhos que os escutam. Se ele lê verdadeiramente, põe nisso todo seu saber, dominando seu prazer, se sua leitura é um ato de simpatia pelo auditório como pelo texto e seu

autor, se consegue fazer entender a necessidade de escrever, acordando nossas mais obscuras necessidades de compreender, então os livros se abrem para ele e a multidão daqueles que se acreditavam excluídos da leitura vai se precipitar atrás dele (PENNAC, 1993. P.166).

Décimo direito “*O direito de calar*”. Esse autor afirma que “Cabe a cada um querer falar ou não sobre o que leu em um livro. Os raros adultos que me deram a ler se retraíram diante da grandeza dos livros e me pouparam de perguntas sobre o que é que eu tinha entendido deles”(PENNAC, 1993, p. 167).

As reflexões de Daniel Pennac e, perante as palavras da professora Salete nos provocam uma questão interessante em relação aos tempos destinados à leitura, em que temos um tempo planejado com a intencionalidade de realizar práticas de leitura e não como um pretexto para ocupar o tempo ocioso na escola.

Tomando como base a fala dessa professora percebemos que ela não tem a preocupação de escolher uma história curta e rápida que seja compatível com o tempo delimitado pelo período da aula. Ela afasta-se da fragmentação do tempo linear - um dia após o outro - mantendo um fluxo, uma continuidade que é dada pelo livro e pela intensidade da escuta compartilhada da história. Não é o tamanho da história que se encaixa no tempo disponível, mas o contrário: o tempo é usado e gasto conforme o desenrolar da atividade de ouvir as histórias (BRASIL, 2008, p.10).

Ao estar dispondo para os alunos momentos de leitura com contação de histórias, é necessário que esse tempo seja pensado, planejado, organizado. Não há necessidade de ficar preocupados, apressando a leitura, pensando no horário, devido aos momentos planejados para aula do dia. Cabe ao professor estar oportunizando espaços, organizando um horário nesse período de aula para serem feitas estas atividades de leituras ou de contação de histórias. Com a garantia de continuação dessas histórias em outro dia, caso não termine. Nestas horas não deve acontecer interrupções, com paradas desnecessárias.

Esses momentos não podem ser feitos de qualquer jeito ou em qualquer horário, como uma forma de estar preenchendo um espaço que sobrou na aula, mas devem ser planejados e terem um objetivo:

Muitos professores resolvem ler nos últimos minutos que ainda têm para estar em sala de aula com os alunos, por considerarem que seu dever, ao final do dia, já foi cumprido. E, nesse caso, talvez esperando que possa ser uma maneira mais descontraída de encerrar o dia, acabam demonstrando, com sua atitude, que a leitura de histórias em

voz alta é algo pouco importante, que não merece atenção já que pode ser realizada mesmo em condições adversas, como as interrupções, e dispersão e o esvaziamento da classe (BRASIL, 2008 p.8).

Entende-se que ao agir dessa maneira o professor levará o aluno a entender que essa atividade não passa de um momento de descontração, de brincadeira, de tempo perdido, que não tem grande importância. E entendemos que os momentos de leitura devem ser encantados, prazerosos e mágicos, permitindo aos alunos momentos de fruição.

Das três professoras do quinto ano, duas dizem não fazer contação de histórias, mas fazem leituras. E uma terceira, diz que além da leitura faz a contação de histórias. Janete relata que: “Sim, uma por trimestre. Para dar início ao trimestre, escolho a história de acordo com a mensagem que a turma está precisando (amizade, respeito, auto-estima, humildade...” (Dados da pesquisa, 2013). Outra diz: “ler sim. Contar histórias não. Da leitura em sala - toda a semana”. E Mércia, também professora do quinto ano, diz: “Sim, a leitura é realizada no início da aula, após o recreio ou no final da aula. A cada dia ou a cada dois dias realizo a leitura de um capítulo do livro, após ler uma parte as criança continuam em voz alta, uma vez, para os colegas” (Dados da pesquisa, 2013).

Em relação às práticas, às estratégias e frequência que são realizadas no contexto da escola para incentivar a leitura e o gostar de ler as professoras destacaram:

Alice, do primeiro ano diz que uma de suas práticas e a roda de leitura:

Uma das práticas é a “Roda de Histórias “que acontece toda 2º feira e envolve 5 turmas dos anos iniciais (1º B, 1ºC, 2º A , 2º B, E e 2º C). Um dos objetivos da roda é proporcionar momentos coletivos para ouvir histórias contadas pelas crianças e professores. Alice professora do 1º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Vimos que este momento é muito significativo para a criança. Ao participar da roda de leitura a criança vivencia novas experiências, conhece outras pessoas, consegue perceber melhor sua realidade. Por isso contar e ouvir histórias é algo que deve acontecer sempre no universo escolar .

A professora Denise, do 2º ano, destaca que as práticas de incentivo a leitura são feitas pelos os professores. “A práticas de incentivo a leitura na escola são realizadas prioritariamente pelos professores, e pela biblioteca” (Dados da pesquisa, 2013).

Tais escritos indicam que os docentes precisam ser aquele que instiga e encaminha a criança a ter novas experiências. Ele deve incentivar e levar a criança á ter

contacto com os livros diariamente, tanto nas leituras em sala, lendo livros para as crianças, ou mesmo ouvindo as histórias das crianças, oportunizando um cantinho na sala para que se tenha um ambiente aconchegante, para que ali as crianças possam ter um momento para ler com sossego. Levá-los à biblioteca, mas antes estar observando as leituras que lá são oferecidas. Observar os livros que os estudantes emprestam na biblioteca e levam para ler em casa. Observar o que pegam para ler quando estão em alguma atividade na biblioteca. Com essas observações, nas mediações e intervenções que o professor fará nestes e em outros momentos, a criança irá gradativamente se apropriando e despertando o gosto pela leitura. Esse gosto pela literatura não pode ser imposto. O professor precisará estar criando, proporcionando, propondo momentos que levem o aluno a ser um leitor, a ter esse interesse e gosto pela leitura de diversas literaturas. Pennac destaca que:

Ele é um público implacável e excelente. Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência, estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar, acompanharem seus esforços, sem se contentar de esperar na virada, consentirem perder noites, em lugar de procurar ganhar tempo, fizerem vibrar o presente, sem brandir ameaças do futuro, se recusarem a transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretendo esse prazer até que ele se faça um dever, fundindo esse dever na gratuidade de toda aprendizagem cultural, e fazendo com que encontrem eles mesmos o prazer nessa gratuidade (PENNAC, 1993, p. 55).

Também entendemos que para surgir o gosto pela leitura o professor precisará proporcionar momentos em que a criança tenha contato com o livro.

Carvalho (2009, p.53) ressalta que “Para a criança o interesse é construído com o passar do tempo, portanto, a criança precisa ter contactos diários com o livro e não esporadicamente. Logo é necessário que se eduque o aluno para a leitura”.

Nesses momentos os docentes ao se preocuparem e ao incentivarem a criança, pode em diversas situações estar interagindo e ajudando-as na escolha e seleção de seus livros os quais não sejam somente pedagógicos, ou aqueles que sutilmente venham trazendo lições de moral, ou seja, pode ajudá-los na seleção de novas literaturas envolventes que atraiam a criança para leitura.

Para isso, professores e professoras necessitarão de um determinado tempo e disponibilidade para selecionar tais literaturas. Entendemos que essas literaturas ao serem apresentadas as crianças devem ser bem escolhidas, pensadas e repensadas. O

professor precisa lê-las, observar o conteúdo da obra, entendê-las, para poder dialogar e passar a criança algo que ele conhece e que acredita que seja significativo e importante na formação desse leitor.

As duas professoras do terceiro ano destacam o circuito do gibi e a professora Cecília diz que a partir desta leitura faz outras atividades com os alunos.

Atualmente temos um “circuito de gibi” onde as crianças levam (e trocam) os gibis para lerem em casa e realizam uma atividade oral ou escrita semanalmente; as “rodas de leituras” onde as professoras em conjunto com os alunos escolhem os livros para lerem (ora a professora conta ou dramatiza ora os alunos contam ou dramatizam dependendo da proposta e o projeto “Quem conta um conto aumenta um ponto” onde cada aluno leva para casa a tarefa de pedir a uma pessoa para contar uma história e após a mesma é contada na roda de leitura com o objetivo de valorizar a cultura popular (Dados da pesquisa, 2013).

Entendemos que estes projetos desenvolvidos pelas professoras como o circuito do gibi, as rodas de leitura, “Quem conta um conto aumenta um ponto” são muito significativos, pois desenvolve na criança o gosto pela leitura. É necessário estar questionando se essa atividade escrita que ocorre com os gibis e feita com qual intenção. É uma atividade voltada para o Letramento? Pois se for uma atividade fruitiva esta deve ser repensada. Como já destacamos outras vezes, esta atividade deve trazer momentos de prazer, e não a obrigação de estarem escrevendo algo sobre o mesmo depois de lerem o gibi.

A professora Salete, do quarto ano, diz que as práticas são desenvolvidas pelas professoras:

Percebo que as práticas são desenvolvidas pelas professoras cada uma em suas salas. Nos grupos de professores dos 1º e 2º anos acontecem as rodas de histórias, onde todos os grupos participam. Infelizmente no período em que atuo (4º e 5º) ainda não conseguimos nos organizar para tal, acho que isto sim amplia o repertório e aproxima mais a criança da leitura (Dados da pesquisa, 2013).

E de grande importância a reflexão feita pela professora Salete onde destaca que há dificuldade das professoras do 4º e 5º anos se organizarem para encontros entre as turmas, como fazem os primeiros e os segundos anos. Entendemos que as crianças ao estarem juntas em uma atividade de leitura ,trocam experiências, conhecem coisas novas,refletem e conseguem dialogar com seus colegas com mais facilidade.

As professoras do quinto ano destacaram várias práticas de leitura, donde Mércia destaca:

No quinto ano é realizada a leitura de três livros por toda a turma, um livro por trimestre, as crianças lêem em casa e trabalhamos a interpretação em aula ao longo de 4/5 semanas. O 5º ano possui uma ficha de leitura individual para registro dos títulos que as crianças levam e comentários pessoais sobre os livros (Dados da pesquisa, 2013).

Para que a criança leia com prazer, deixando fruir sua imaginação é necessário que ela não fique preocupada, em ter que fazer uma atividade de cobrança após a leitura do livro.

A professora Suzana diz incentivar a leitura com a contação de histórias contadas por profissionais. E a ida à pré- lançamentos de livros com conversas com os autores: “Pré-lançamento de livros com conversas com os autores (incentivando a leitura e a produção textual); contação de histórias (realizadas por contadores profissionais). A frequência desses eventos é por trimestre (ou um ou outro)” (Dados da pesquisa, 2013).

Já a professora Janete ressalta: “- Momento de leitura coletiva, silenciosas em sala de aula; - Desenvolvimento de projetos; - Apresentação de um livro que leva; - Organização de ficha de leitura” (Fonte: Dados da Pesquisa, 2013).

As professoras evidenciam que conjugam práticas de leitura de estudo e também a vivência estética da literatura, esta última compreendida como aquela que permite deixar fruir os sentimentos mais belos. Carvalho (2009, apud BARTHES 2001), que vem dizendo que texto de fruição: “é aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até em certo enfado), faz vacilar as base históricas, culturais e psicológicas, do leitor, a consciência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças faz entrar em crise sua relação com a linguagem”. Assim, entendemos a importância da seleção de bons livros, dos encaminhamentos que o professor terá que realizar para dispor esses livros às crianças. Bem como o seu interesse e disposição de estar cuidando de sua formação, se orientado e buscando meios para proporcionar momentos de fruição.

5.4 A função da literatura infantil na escola

Quanto à compreensão da função da literatura infantil no ano/turma em que atuam. Em relação ao desenvolvimento da aprendizagem das crianças as professoras destacam elementos importantes. A professora do primeiro ano diz: “A literatura

possibilita a ampliação significativa do repertório literário, as crianças conhecem novas narrativas, ampliam o vocabulário e ficam mais críticas”. Alice professora do 1º ano. (Dados da pesquisa, 2013).

A professora do segundo ano, Denise ressalta que a literatura é fundamental para expressarmos nossas vivências e aprendizagens.

A literatura é um dos aspectos fundantes da nossa cultura humana, uma forma por onde encontramos de expressar nossas vivências e aprendizagens. Especificamente na escola, o papel da literatura infantil, em minha opinião é o de promover o acesso das crianças às diferentes formas de conhecimentos desenvolvidos ao longo do tempo pela humanidade – conhecimentos estéticos, científicos e sociais. No segundo ano, o uso da literatura contribui para os processos de letramento, do entendimento que nossas ideias podem ser expressas e divulgadas pela escrita. Além disso, a literatura específica para as crianças promove o acesso à leitura de forma qualificada e buscando debater com eles questões da nossa cultura (Dados de pesquisa. 2013).

Cecília, professora do terceiro ano, ressalta:

É o caminho que leva a crianças a desenvolverem a imaginação, e sentimentos de forma prazerosa e significativa”. Morgana professora do 3º ano (Dados da pesquisa, 2013). “Contribui significativamente para o desenvolvimento e aprendizagem da criança já que a literatura influi em todos os aspectos da educação como: afetividade, na compreensão (automatismo da leitura rápida), na inteligência, na criatividade, imaginação, na atenção, na curiosidade, na descoberta, etc (Dados da pesquisa, 2013).

A professora do quarto ano destaca que a função da leitura é ampliar o vocabulário, a imaginação e conhecimento das crianças.

Penso que a leitura amplia o vocabulário que a leitura amplia o vocabulário, a imaginação das crianças, o conhecimento de diferentes temas. Nas produções textuais são perceptíveis, já pela escrita, às crianças que lêem e quem pouco lê, já que a riqueza dos textos vai depender muito do que a criança possui de conhecimento sobre algo e a leitura ajuda a ampliar tais conhecimentos”. Salete professora do 4º ano (Fonte da Pesquisa, 2013).

Os depoimentos destas três últimas professoras me remete a pensar que para que aconteça um desenvolvimento na criança, esta precisa relacionar-se e apropriar-se da sua cultura. “O desenvolvimento da criança encontra-se, assim, intrinsecamente relacionado a cultura. Essa implica uma participação ativa da criança na cultura , tornando próprios dela mesma os modos de perceber, sentir falar e se relacionar com outros.”(SMOLKA, 2008, p.8).

Assim nas situações criadas diariamente pelo professor através da imaginação a criança vai manifestar suas criações.

No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando possível a criação artística, a científica e a técnica (SMOLKA, 2008, p.14).

Assim, compreendemos que desde o momento que a criança começa a ouvir e ler histórias, desenhar, dançar, escrever uma peça teatral, a dramatizar, ela passa a manifestar sua imaginação criadora.

Da mesma forma, a criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda a parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparando às criações de gênios (SMOLKA, 2008, P.15-16).

Entende-se que a imaginação está presente na realidade da criança, no que ela vivencia e faz diariamente: “que toda obra de imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (SMOLKA, 2008, p. 20).

Então, para que as crianças possam ampliar suas criações precisamos a todo o momento estar criando situações que desenvolvam sua criatividade.

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas-, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação (SMOLKA, 2008, p. 23).

E através das experiências que acontecem no dia-a-dia, na observação dos colegas ou mesmo outras pessoas, a criança amplia experiências e adquire conhecimentos.

Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua própria experiência, mas pode aventura-se para além deles, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica ou social alheias. Assim configurada, a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana (SMOLKA, 2008, p.25).

Dentre as professoras do quinto ano uma destacou a oportunidade da troca com os empréstimos dos livros na biblioteca em relação às funções da leitura:

Oportunizando a troca e empréstimos de livros na biblioteca e incentivando a elaboração de fichas de leitura e momentos de socialização (oral) as crianças estão desenvolvendo a produção escrita; a compreensão e análise dos textos, na oralidade desenvolvem a síntese, a desenvoltura de se expressar e de ouvir, ou seja, as habilidades para a comunicação efetiva. Professora Susana do 5º ano (Dados da pesquisa, 2013).

Destacamos que conforme estudos já descritos neste trabalho entendemos que a ficha de leitura traz um cunho obrigatório fazendo com que a criança se desinteresse pela leitura. A professora Janete destacou a função da formação social e educacional da criança.

Tem a função de contribuir para a formação social, educacional da criança. Tem considerável importância na formação do leitor, despertar e construir subjetividades, assim, aprendizagens (Dados da pesquisa. 2013).

Assim vimos a importância do professor nessa formação social e educacional, estar oferecendo à criança leituras de sua compreensão para que ao escrever consiga expressar-se com segurança e autonomia. Smolka destaca que:

”Por isso o desenvolvimento da criação literária infantil torna-se de imediato bem mais fácil e bem sucedido quando se estimula a criança a escrever sobre um tema que para ela é internamente compreensível e familiar e, o mais importante, que a incentiva a expressar em palavras seu mundo interior. Muitas vezes a criança escreve mal porque não tem o que escrever (SMOLKA, 2009, p.66).

Por isso a importância de disponibilizar a criança diferentes gêneros textuais. Analisar e perceber o que é mais significativo para estar observando durante a escrita da criança.

Em seu texto, Smolka destaca alguns procedimentos citados por Tolstoi:

Primeiro: oferecer a maior variedade de temas para a escolha, sem inventá-los especialmente para as crianças, mas propor temas sérios que interessem ao próprio professor. Segundo: oferecer às crianças a leitura de composições infantis, apresentando somente eles como exemplos. Terceiro (muito importante): ao analisar as composições infantis ,nunca fazer observações sobre o capricho dos cadernos, nem da caligrafia, nem da ortografia e, principalmente ,da construção das frases e de sua lógica.Quarto:uma vez que, na composição, a dificuldade não está no tamanho ou no conteúdo , mas no caráter artístico do tema , então a gradação dos temas não deve estar no

tamanho, nem no conteúdo ou na linguagem, mas no mecanismo do trabalho (Tolstoi apud SMOLKA 2009, p.70- 71).

Entendemos que devemos deixar a criança manifestar sua criação. Deixar fluir sua imaginação na construção e na preparação do que achar mais importante e significativo durante a leitura e escrita.

Mércia, professora destacou, que possibilita a fruição:

Além de possibilitar a fruição, a literatura infantil contribui na consolidação do hábito de leitura fundamental para a compreensão de textos de outras áreas, aprimorando a capacidade de interpretação. A leitura freqüente de livros do seu agrado amplia o vocabulário das crianças e auxilia na regularização da ortografia (Dados da pesquisa, 2013).

Sobre a função da literatura na organização das aulas a professor Alice, do primeiro ano, relata: “Com a ampliação do vocabulário e da criatividade, as crianças participam mais ativamente de todos os momentos das aulas. Tomam decisões e aprendem a argumentar suas escolhas” (Dados da pesquisa, 2013).

Denise professora do segundo ano diz que divide o uso da literatura em duas categorias:

Na organização das minhas aulas, divido o uso de literatura em duas categorias: o primeiro, e principal, é o incentivo á leitura, nas atividades anteriormente citadas, quando a literatura é enfocada como um elemento fundamental dos processos de letramento, seja na leitura ou escuta de histórias. Outra categoria é o uso da literatura como elemento pedagógico para o ensino da língua portuguesa, usando os textos dos autores, para realizar atividades de alfabetização, leitura e escrita. O uso da literatura no ensino dos gêneros textuais e na função social da escrita é fundamental. Mesmo assim, temos cuidado com a questão da “pedagogização” da literatura infantil, que se tomada aos extremos pode tomar o caminho contrário do incentivo e se torna uma atividade simplesmente escolar (Fonte da Pesquisa, 2013).

É muito importante a fala da professora Denise em cuidar para que não haja a pedagogização da literatura infantil, pois geralmente o professor ao achar que esta com seus conteúdos atrasados tende a fazer mais atividades pedagógicas e se esquecerem do tempo da leitura frutiva.

Já Morgana, professora do terceiro ano, ressalta que “Tornar as aulas mais agradáveis, gerando momentos propícios de prazer e estimulação para a leitura” (Dados da pesquisa, 2013).

Cecília, professora do terceiro ano, destaca: "Tornar o espaço da sala de aula mais aconchegante, prazeroso e significativo" (Dados da pesquisa, 2013).

A professora do quarto ano diz que as crianças gostam muito de ouvir histórias:

As crianças gostam muito de ouvir histórias, principalmente relacionadas a suspense. Nem sempre leio pra desenvolver alguma atividade, mas leio apenas pelo prazer da Leitura. Agora a turma está pedindo á leitura do Pequeno príncipe jovem, o primeiro (o pequeno príncipe) até tinha uma intenção mais direcionada, porém este, com certeza serão para distrair, encantas e alegar. Saete professora do quarto ano (Dados da pesquisa, 2013).

Vimos que neste momento a professora se utilizou de um livro mais direcionado a prática pedagógica, mais o próximo conforme pedidos das crianças será mais prazerosa a leitura para eles.

Dentre as professoras do quinto ano uma destacou que vivemos num mundo letrado como não privilegiar a leitura, conforme destaca Janete: "Ora, vivemos em um mundo letrado, logo como não privilegiar a leitura nas aulas. Ora, se a literatura está relacionada ás aprendizagens das crianças, Como não incluí-las no planejamento? (Dados da pesquisa, 20130).

Silvana, professora do quinto ano, planeja no currículo da sala, deixa um espaço para a troca das histórias que as crianças leram.

Planejando no currículo das aulas horário e espaço para a troca e socialização das histórias lidas, leituras de fichas de leitura ou pequeno textos (sínteses) que despertam o interesse dos estudantes em ler determinadas histórias: Confecção de outros registros (cartazes) desenhos, fantoche sobre as personagens ou curiosidades das histórias lidas pelos estudantes. Lendo em voz alta para turmas. Propiciando que os estudantes (que queiram) também leiam para os colegas (Dados da pesquisa, 2013).

Entendemos que as fichas de leituras e as sínteses após a leitura de um livro não é recomendado devido ao peso de obrigação. A professora Mércia diz que a literatura às vezes ocupa o mesmo espaço dos saberes:

A literatura ocupa o mesmo espaço destinado aos outros saberes e muitas vezes tornam-se aliada deles. Com o avançar dos anos escolares esse espaço vai sendo reduzido e acaba algumas vezes relegado ao "tempo que sobra" ou a ocupação de tempo ocioso ao final das tarefas. No planejamento procuro garantir o tempo da leitura/literatura. (Dados da pesquisa, 2013).

Esta fala da professora Mércia nos mostra a dificuldade dos professores estarem trabalhando com a literatura infantil fruitiva em sala. Pois o professor passa a

contar uma história no final da aula onde todas crianças já estão perto de ir embora. Ou chega alguém da secretaria e vem dar recados. Esta consideração da professora Mércia aponta para o combate a uma ideia ainda presente no contexto de várias escolas:

Nesse contexto, uma prática da leitura que não contemple uma aplicação, como o é a leitura fruição, é condenada por ser vista como desperdício de tempo. Além disso, o fato de não terminarmos, até o final do dia, todas as atividades iniciadas, também costuma ser analisado como falta de planejamento e de organização. Para evitarmos esse tipo de julgamento, escolhemos as histórias mais curtas, limitamos o tempo dedicado a atividades de fruição, acreditando, de modo ingênuo, que em quaisquer condições garantimos o aprendizado da leitura e da escrita a nossos alunos (BRASIL, 2008, p. 11).

Nesse sentido, defende-se práticas de leitura com tempos e estratégias planejados que atendam às diferentes tipos e momentos de leitura: leitura estudo, informativa e de fruição.

Sabe-se que a escola possui uma rotina e na maioria das vezes o professor em suas atividades diárias passa a prezar os conteúdos e acaba deixando de lado, ou fazendo de qualquer jeito os momentos referentes da leitura frutiva. “Sabemos que leitura como fruição ainda é vista, na escola, como um tempo desperdiçado, já que o objetivo predominante da leitura é instrutivo, ligando-se à realização de tarefas e de exercícios” (BRASIL, 2008, p.10).

Assim vimos à necessidade do professor garantir um tempo em sala para ler para seus alunos e um tempo para as crianças fazerem essa leitura também. Com calma, sem interrupções, sem expor a criança a comentários desnecessários sobre a sua má leitura, procurando dialogar e combinar com alunos como e dias que se desenvolverá tal atividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos de diversas maneiras, compreender com as contribuições das leituras feitas de alguns autores a prática e estratégias pedagógica dos professores do Colégio de Aplicação.

Nestes momentos, nas reflexões das perguntas respondidas percebemos o envolvimento e a grande importância que todos os professores deste colégio, dão á literatura, procurando organizar várias manifestações literárias.

Vimos o quanto estes professores se esforçam para buscar meios que levem seus alunos a serem leitores, ou mesmo venham a adquirir o gosto pela leitura em diversas obras. Entendemos que seus envolvimento vão além, pois mesmo não possuindo projetos diretamente organizados pela biblioteca da escola no momento, todos os professores se organizam e desenvolvem projetos ou momentos literários com o intuito de mergulhar o aluno relação com a literatura infantil.

Observamos isto, e procuramos destacar algumas questões referentes às estratégias, a prática e as concepções que permeiam estes momentos tão intensos e mágicos que envolvem a literatura infantil.

Neste estudo, percebemos algumas ações que as professoras entrevistadas, também em alguns momentos utilizam-se da literatura infantil como estratégia em suas aulas diárias para poderem ministrar, de algum modo o seu conteúdo curricular.

Constatamos a presença de fichas de leitura e entendemos que ao ler um livro e após fazer atividades escritas sobre ele, pode trazer ao aluno o peso da obrigação. Ainda percebemos as leituras oferecidas com o intuito de trabalhar alguns valores. As leituras feitas em diverso horários da aula. Deve-se questionar se essa leitura feita em determinados momentos da aula é uma leitura obrigatória, mecânica? Observamos que há a leitura em voz alta, com qual objetivo? Também vimos que foi falado sobre a interpretação de livros ocorridos durante algumas aulas. Precisaríamos mais informações para saber se esta atividade de interpretação foi feita com questionamentos para responder ou algo parecido. E foi relatada a escrita de síntese referente à obra lida. Tais práticas mostram estratégias presentes voltadas á leitura estudo e informativa.

No entanto, percebem-se também espaços e momentos para a fruição e o gostar de ler. Essa consideração aponta para novas pesquisas que passam a analisar este estudo, mas na ótica das crianças.

Será que estão se debruçando nos livros com prazer? Com vontade de descobrir o que vem depois de uma nova página lida? Será que estão entrando na história e com seus questionamentos estão tirando as suas conclusões e compartilhando suas ideias? Será que tiveram tempo para observar as imagens que aparecem nos livros? Tiveram tempo de manusear o livro? De dizer que gostaram ou não do livro? Entendemos que estes e tantos outros questionamentos precisam estar presentes na prática diária de professores e também no campo da pesquisa.

Observamos também o envolvimento e a preocupação de todos os professores na seleção dos livros e incentivo a leitura, deixando a criança à vontade para fazer as suas próprias escolhas e pedindo suas opiniões quanto à seleção dos livros lidos em sala.

Foi visto que mesmo sem projeto de leitura na biblioteca, os professores têm à disposição uma biblioteca ampla, com livros separados por faixas etárias e com funcionários para ajudá-las.

Todos esses professores têm uma ótima formação e reconhecem a importância de trabalhar a literatura em sala.

A maioria desses professores trabalha com rodas de leitura, em que vimos ser um momento especial que proporcionam aos alunos a descontração, o direito de manifestarem suas opiniões de se relacionarem com seus colegas e descobrirem coisas novas, também possibilita a participação das crianças a trocarem informações e viajem em sua imaginação, criando, indo onde não conhecem, descobrindo que podem adquirir habilidades referentes à leitura, a escrita, e tantos outros saberes.

Dentre os projetos citamos “Quem conta um conto aumenta um ponto” em que a criança tem que pedir em casa para uma pessoa lhe contar uma história e esta história é contada na roda de leitura.

Quantas descobertas e situações podem estar sendo debatidas a partir dessas leituras. Como no desenvolvimento pelas docentes do circuito do Gibi, onde as crianças podem levar para casa e trocarem depois de lido esses gibis.

Mesmo percebendo que em alguns momentos há uma pedagogização da literatura. Esses professores se empenham e fazem o melhor para seus alunos, proporcionando momentos em que a literatura está presente. Entendemos que a partir desta pesquisa ainda constata-se que há uma necessidade de repensar alguns conceitos,

tentando buscar outras estratégias para que esta literatura venha ser colocada para os alunos, com o intuito de não trabalhar conteúdos, mas prezar os momentos de fruição.

Entendemos a importância dos professores estarem organizando práticas de leitura que possibilitem o aluno a ler, interpretar e se comunicar com autonomia e segurança. Nestes momentos o professor precisará estar sempre buscando meios para trazer novos textos para os alunos. Ele terá que buscar coisas novas, criar coisas novas. Não deve ficar dependente de modelos que por ventura, muitas vezes, já está estabelecido na própria escola, como algo bom para trabalhar.

Segundo Padilha: “a leitura envolve reprodução e produção de significados. Por isso não é possível trabalharmos com roteiros pré-estabelecidos, como “modelo” de leitura pra todo e qualquer texto” (PADILHA, 1994 p.1).

O professor poderá estar sempre questionando com seus alunos questões referentes à literatura. Para que vocês estão lendo esse livro? Qual a mensagem que ele traz? Qual a intenção do texto? Que gênero textual é esse?

Concordamos o que nos indica o livro do Pró-letramento:

Entende-se que a leitura precisa ter sentido para o aluno. “Ler este texto para que?” precisa ser objeto de reflexão em sala de aula. Ao fazer essa pergunta, o professor levará os alunos a perceberem não só a diversas intenções que estão “por trás” dos textos lidos, como também o fato de que diferentes intenções implicam diferentes formas de escrever, diferentes gêneros textuais. (BRASIL, 2008, p. 24).

Compreendemos que o aluno estando em contato com diversas leituras irá adquirir informações diversas e novos conhecimentos.

Padilha destaca que ao ler buscamos e conhecemos muitas coisas. Para ele a leitura nos traz muitas possibilidades:

Podemos ler em buscar divertimento, de emoção, de prazer. Podemos conhecer, pela leitura, os sentimentos dos outros e a diferente as formas de pensar sobre as coisas. Na leitura pode-se buscar informações, orientações, nos conhecimentos. É possível tirar dúvidas, confirmar hipóteses ou obter dados para rejeitá-las. Buscar na leitura a música, a poesia, a notícia... (PADILHA, 1994, p1).

Outro questionamento e reflexão que poderá ser feito pelo professor é estar se perguntando: “O que as crianças devem ler?” Sabemos que a criança por pertencer a um mundo letrado já vive diariamente tendo contato com diversas leituras. Por isso entendemos que o professor deve disponibilizar uma variedade de textos para seus

alunos. Assim, ao entrarem em contato com essas leituras poderão estar diferenciando um gênero literário de outro. Conforme Padilha as crianças:

Devem ler poemas, canções, lendas, parlendas, cartas, notícias, receitas, narrações, contos de fada, regras de jogo, histórias em quadrinhos, livros de histórias, textos informativos (de ciências, de história, de geografia, de matemática) textos dos colegas, mapas, filmes, histórias mudas, desenhos, gestos, filmes, peças de teatro, jornais, revistas... (PADILHA, 1994 p.1).

Ao nos perguntarmos como o aluno precisa ler, temos que para isso primeiramente estar ciente que ele deve ter à sua disposição textos e livros de diversos gêneros e de diversos autores. Com isso o professor poderá proporcionar momentos de leitura, em que poderão ser feitas de diversas maneiras, de modos diferentes. Se o professor quiser trabalhar poesias pode estar diversificando. O professor ao ler uma poesia, como a poesia de Vinicius de Moraes “A porta” o professor poderá fazer um jogral, com todos lendo a poesia ou dividi-los em grupos, cada aluno lê algumas estrofes. Pode fazer a leitura desta poesia de diversas maneiras: baixo, bem baixinho, alto, bem alto. Ou fazer uma aula mais descontraída, se utilizando do poema de Cecilia Meirelles “A língua do NHEM”, as crianças podem estar imitando o som do nhem. Ou se utilizando do poema de Alcides Buss na poesia “Risos” as crianças irão fazer os tipos de risos que aparecem no poema. O professor pode se utilizar de tantas leituras para criar situações que despertem no aluno a vontade de ficar ali participando daquele momento, querendo mais, com vontade de se envolver, de propor outras atividades, de compartilhar um com o outro as suas descobertas.

Padilha ainda nos indica que:

As crianças devem ter oportunidade de vivenciarem diferentes maneiras de ler: baixinho, em silêncio, em duplas, em voz alta, colocando-se no lugar dos personagens, sentindo as situações, concordando, discordando. Ler como quem está alegre, triste, brabo, dependendo do texto. Ler em coro, fazendo jogral, cantando... (PADILHA, 1994, p.2).

Para conhecer alguns processos que envolvem a literatura, é necessário estar sempre procurando dados que nos ajudem a ter uma visão mais ampla e significativa do assunto. Assim para o despertar de ler, segundo Padilha (1994) o primeiro momento de leitura é a leitura prazer. Leitura em que o aluno entra no texto, viaja, tira a sua própria conclusão, da sua opinião. Ainda, conforme Padilha (1994): “Ler a primeira vez para conhecer, o assunto, gostar ou não gostar, concordar ou discordar, imaginar-se na

situação, apreciar as ilustrações ou ilustrar, fazer comparações com outros textos lidos, vídeo, sentidos” (PADILHA, 1994, p2). Mas sim para utilizar os textos na diversificação das atividades ao trabalhar: “[...] a dramatização, a paráfrase oral e escrita, a ilustração a busca de outros textos pra completar ideias ou tirar dúvidas” (PADILHA, 1994, p.3).

Ao pensar nas produções textuais com os alunos o professor precisará entender que as crianças irão produzir textos, porém estes textos podem ser socializados, lidos por eles mesmos e por outras pessoas. Cabe ao professor estar organizando estes momentos. “Deve-se combinar o que fazer com essas com as produções. Escreve-se para ser lido. É importante organizar formas para que os textos sejam realmente lidos por mais de uma pessoa” (PADILHA, 1994, p3).

A partir destes entendimentos o professor com sua criatividade, pesquisando, estudando, se envolvendo, e propondo diversas atividades para seus alunos no sentido de despertar o gostar de ler e um posicionamento de leitores ativos e participativos na produção dessa leitura.

7 REFERÊNCIAS

BORBA, Ângela Meyer; GOULART, Cecília. *As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola*. Ensino fundamental de nove anos. 2ª Ed. Brasília: Leograf, 2007.

BRASIL. Pró letramento: *Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/ Séries Iniciais do Ensino Fundamental*. Alfabetização e Linguagem. Brasília, 2008.

CARVALHO, Caroline. *Literatura e Recepção: Caminhos para Compreensão da Leitura Fruitiva*. Itajai, SC, 2009.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. Histórico. Disponível em:
< <http://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca/> > Acesso em out. 2013.

FERREIRA, A. B. H. Dicionário Aurélio Beta. Disponível em:
< <http://www.dicionariodoaurelio.com/Fruicao.html> > Acesso em set. 2013.

FILHO, José Nicolau Gregorin. *Literatura Infantil*. Múltiplas linguagens na formação de professores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed.. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROTTI, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA Renata Junqueira de. *Bibliotecas escolares e práticas educativas*. O mediador em formação. A hora do conto na biblioteca: o dialogo entre a leitura literária e outras linguagens. São Paulo: Mercado de letras, 2009.

MONTEIRO, Sara Mourão, MACIEL Francisca Isabel Pereira, BAPTISTA Mônica Correia. *A criança de seis anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de Nove Anos*. Belo Horizonte: UFMG/F a E/CEALE, 2009.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. *O Encaminhamento de Crianças para a Classe Especial: Possibilidades e Histórias ao Contrário*. Dissertação de Mestrado em Educação. UNICAMP, Campinas, 1994.

PENNAC, Daniel. *Como um Romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROSA, Maria Eunice de Almeida; NUNES, Rosemeíre da Silva. *Literatura Infanto-Juvenil: Contação de História na escola e na biblioteca*. Maceió, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SMOLKA, Ana Luiza. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.

8 ANEXOS

Anexo A: Carta de apresentação



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

Caro professor (a) ao agradecer solicito sua colaboração no preenchimento deste questionário, o qual se constitui como instrumento de minha pesquisa de TCC do curso de Pedagogia na UFSC intitulado “A formação do leitor no Ensino Fundamental, na ótica dos professores (as)”, que tem como objetivo compreender as estratégias e as concepções das práticas de Literatura Infantil na ótica dos professores dos anos iniciais no colégio de Aplicação. A identificação dos participantes será resguardada

Para maior esclarecimento deixamos nosso contato:

Maria Hermínia Laffin (orientadora) – herminialaffin@gmail.com

Telefone para contato: 99805957

Mirela Albertina Corrêa (discente) – mirelaalbertina@hotmail.com

Telefone para contato: 88115984

Anexo B: Formulário de consentimento livre e esclarecido (responsável).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

PROJETO DE PESQUISA

Formulário de consentimento livre e esclarecido (responsável).

Eu, _____ declaro que me sinto esclarecido e que desejo participar respondendo a um questionário sobre o projeto intitulado “A formação do leitor no Ensino Fundamental, na ótica dos professores (as)”, com as considerações descritas anteriormente, sem que haja nenhuma exposição ou consequência negativa para mim. Concordo que esses resultados possam ser utilizados para a produção do relatório de trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia para sistematizar a pesquisa.

Assinando este documento, eu indico que concordo na minha participação na pesquisa.

Assinatura

Doc. Identificação

Data

Anexo C: Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA

Questionário

Nome: _____ (Opcional se preferir ficar no anonimato)

Idade: _____

Formação: _____

Tempo de atuação nos anos iniciais: _____

Tempo de atuação no Colégio de Aplicação: _____

Ano e turma em que trabalha: _____

1. Você já participou de cursos sobre a literatura infantil? Quais?

2. Você costuma freqüentar a biblioteca da escola com seus alunos? Qual a periodicidade dessa frequência?

3. Que tipo de livros as crianças mais costumam selecionar para ler?

4. Como você age para contribuir na seleção dos livros por parte das crianças?

A biblioteca da escola conta com profissionais e espaço adequado para as práticas de leitura pelas crianças?

Há algum projeto organizado pelos profissionais da biblioteca com o intuito de incentivar a leitura? Quais e comente.

Você costuma ler e/ou contar histórias durante suas aulas? Se sim, com que frequência e que estratégia utiliza com esse objetivo.

Quais as práticas e estratégias são realizadas no contexto da sua escola para incentivar a leitura e o gostar de ler? Por quem são realizadas essas práticas? Com que frequência?

Em relação ao ano/turma que você atua como compreender a função da literatura infantil:

a) No desenvolvimento da aprendizagem das crianças?

b) Na organização de suas aulas?

Anexo D: Relações de livros

Ao relatarmos os livros que as crianças costumam selecionarem para ler verificamos livros de aventuras, mistério, mitologia, suspense, fantasia, piadas, crônicas, contos, poesias, narrativas, conto de fadas.

Alguns livros e coleções que foram mencionados pelos professores destacando o que as crianças mais pegam para ler:

Livros:

O Menino do Dedo verde

Maurice Druon

O Aprendizado de Pequena Árvore

Forrest Carter

O Pequeno Príncipe

Antoine de Saut Exupery

Manual de Sobrevivência da Garota Descolada

Rue nancy

Por um Pedaco de Terra

Jeff Kinney

Coleções:

Querido Diário Otário

Série escrita por Jim Bantom

Querido Diário Otário

É Melhor Fingir Que Isso Nunca Aconteceu

Querido Diário Otário

Tem um fantasma na Minha Cabeça

Querido Diário Otário

Eu Sou a Princesa ou o Sapo?

Querido Diário Otário

Nunca Faça Nada, Nunca

Querido Diário Otário
Os Adultos Podem Virar Gente?
Querido Diário Otário
O Problema Deste Lugar é Que é Daqui Que eu Vim
Querido Diário Otário
Nunca Subestime a Sua Idiotice
Querido Diário Otário
Não é Minha Culpa se eu Sei de Tudo
Querido Diário Otário
É Para Isso Que Não Servem os Amigos
Querido Diário Otário
As Piores Coisas da Vida Também São de Graça
Querido Diário Otário
Pois é, Acho Que eu Tenho Superpoderes
Querido Diário Otário
Eu(Igualzinha a Você , Só Que Melhor)

Coleção:

Diário de Um Banana
Uma série escrita por Jeff Knney
Diário de Um Banana
Um Romance em Quadrinhos
Diário de Um Banana
Rodrick é o Cara
Diário de Um Banana
A Gota d Água
Diário de Um Banana
Dias de Ação
Diário de Um Banana
A verdade nuas e crua
Diário de Um Banana
Cabin Fever
Diário de Um Banana
Faça Você Mesmo

Coleção

Herry Potter

Escrito por J. K. Ruwling

Herry Potter

A Saga

Herry Potte

E a Pedra Filosofal

Herry Potter

E a Câmara Secreta

Herry Potter

Prisioneiro de Azkban

Harry Potter

E o Cálice de Fogo

Herry Potter

E a Ordem da Fêniz

Herry Potter

E oEnigma do Príncipe

Herry Potter

E as Relíquias da Morte

Coleção

Crepúsculo

Escrito por Stephenie Meyer

Crepúsculo

Lua Nova

Eclipse

Amanhecer

Coleção

Diário de Uma Princesa

Escrito Por Meg Cabot

Princesa Sob os Refletores

Princesa Apaixonada

Princesa á Espera
Princesa de Rosa Shocking
Princesa em Treinamento
Princesa na Balada
Princesa no Limite
Princesa Mia
Princesa Para Sempre

Coleção

Ciclo da Herança
Escrito Por Christopher Paolini
Eragon
Herança
Brisingr
Eldest

Coleção

Bruxonilda
Escrito por Enric Larreula
Roser Capdevila
As Férias da Bruxa Onilda
Bruxa Onilda Vai a Veneza
Bruxa Onilda Vai a Nova Iorque
Bruxa Onilda Vai a Inglaterra
Bruxa Onilda Vai a Praia
Bruxa Onilda vai á Festa
Bruxa Onilda em Apuros
A Infância da Bruxa Onilda
Os Amores da Bruxa Onilda
Bruxa Onilda e a Macaca
As Memórias da Bruxa Onilda
Os Estranhos Hospedes da Bruxa Onilda
Os Grandes Negócios da Bruxa Onilda
Bruxa Onilda é Uma Grande Estrela

Pânico no Castelo- Coleção- Novas Histórias da Bruxa Onilda

Coleção

Desventura Em Séries

Escrito por Lemory Snicket

Mau Começo

A Sala Dos Repteis

O Lago Das Sanguessugas

Serraria Baixo-Astral

Inferno No Colégio

O Elevador Ersatz

A Cidade Dos Corvos

Hospital Hostil

Estatuto Carnívoro

O Escorregador do Gelo

A Gruta gorgônea

O Penúltimo Perigoso

Coleção

Como Treinar Seu Dragão

Escrito Por Cressida Cawell

Como Ser Um Pirata

Como Falar Dragonês

Como Quebrar a Maldição de Um Dragão

Como Mudar Uma Historia de Dragão

Guia do Herói Para Vencer Dragões Mortais

Como Navegar em Uma Tempestade de Dragão

Como Trinar Seu Viking (por banguela)

Como Partir o Coração de Um Dragão

Como Roubar Uma Espada de Dragão

Coleção Percy Jackson

O Ladrão de Raios

O Mar de Monstros

A Maldição do Titã
A Batalha do Labirinto
O Último Olimpiano
Os Arquivos do Semideus

Coleção

Diário de Uma Garota Nada Popular
Escrito por Rachel Renee Russel
Diário de Uma Garota Nada Popular
Histórias de Uma Vida Nem Um Pouco Fabulosa
Diário de Uma Garota Nada Popular
História de Uma Patinadora pouco Graciosa
Diário de Uma Garota Nada Popular
Histórias de Uma Baladeira nem um pouco Glamourosa
Como Escrever Um Diário Nada Popular
As Aventuras do Capitão Cueca
Escrito por Day Pilkey

Coleção

Reencontro

Gibis

A Turma da Mônica
A Turma da Mônica Jovem
Escritos por Mauricio de Souza
Mafalda
Escrita por Quino

Piadas

Continua Proibido Para Menores
Escrito por Paulo Tadeu

Anexo E: Atividades anexadas pela professora do 3º ano.

DATA:
NOME LIVRO:
NÚMERO DE PÁGINAS:
AUTOR:
ILUSTRADOR:
EDITORA:
FAÇA UM PEQUENO RESUMO DO LIVRO. ILUSTRE.

DATA:
LIVRO:
NÚMERO DE PÁGINAS:
AUTOR:
ILUSTRADOR:
EDITORA:
NOME DOS PERSONAGENS:
ONDE ACONTECE A HISTÓRIA?
ESCREVA OUTRO FINAL PARA A HISTÓRIA.

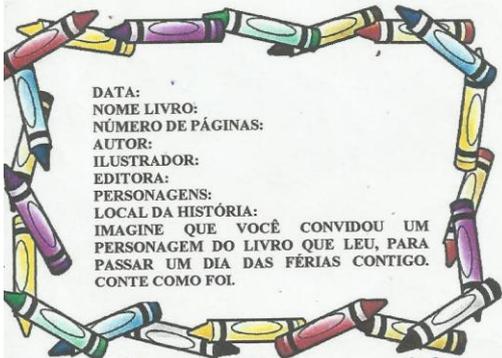
DATA:
LIVRO:
NÚMERO DE PÁGINAS:
AUTOR:
ILUSTRADOR:
EDITORA:
QUEM SÃO OS PERSONAGENS DA HISTÓRIA?
ONDE ACONTECE A HISTÓRIA?
CRIE OUTRO PERSONAGEM E DIGA O QUE ELE FARIA DE DIFERENTE NA HISTÓRIA.

DATA:
LIVRO:
NÚMERO DE PÁGINAS:
AUTOR:
ILUSTRADOR:
EDITORA:
PERSONAGENS:
LOCAL DA HISTÓRIA:
ESCREVA UM BILHETE PARA UMA DAS PERSONAGENS DA HISTÓRIA.

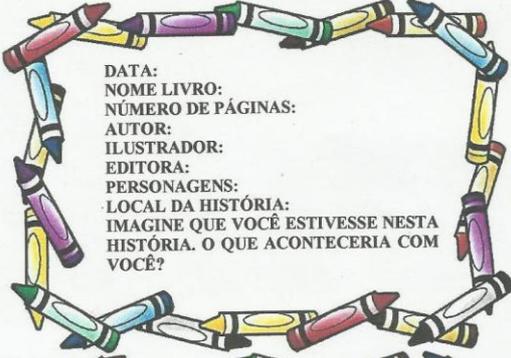
DATA:
NOME LIVRO:
NÚMERO DE PÁGINAS:
PERSONAGENS:
LOCAL DA HISTÓRIA:
DESENHE OUTRA CAPA PARA O LIVRO, NÃO ESQUEÇA OS ELEMENTOS DA CAPA: TÍTULO, (SE QUISER PODE MUDAR), AUTOR, ILUSTRADOR E EDITORA.

DATA:
NOME LIVRO:
NÚMERO DE PÁGINAS:
AUTOR:
ILUSTRADOR:
EDITORA:
PERSONAGENS:
LOCAL DA HISTÓRIA:
IMAGINE QUE UM OU DOIS PERSONAGENS DA HISTÓRIA FOI VISITAR A LAGOA DO PERL. ESCREVA O QUE ELE VIU E O QUE ELE FEZ LÁ.

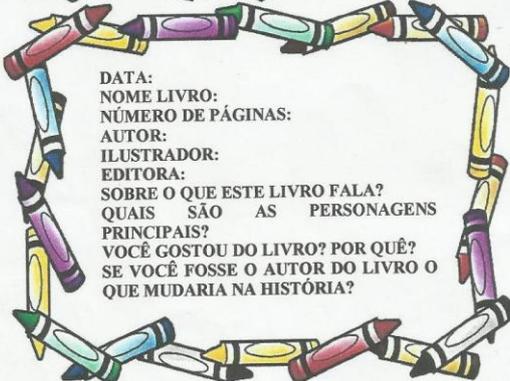
DATA:
NOME LIVRO:
NÚMERO DE PÁGINAS:
AUTOR:
ILUSTRADOR:
EDITORA:
PERSONAGENS:
LOCAL DA HISTÓRIA:
ESCREVA UM BILHETE PARA UMA DAS PERSONAGENS DA HISTÓRIA CONVIDANDO-A PARA A NOSSA FESTA JULINA.



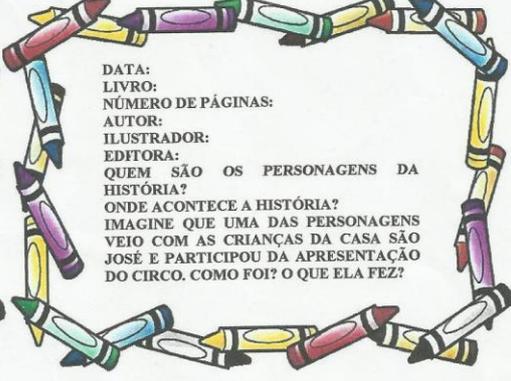
DATA:
 NOME LIVRO:
 NÚMERO DE PÁGINAS:
 AUTOR:
 ILUSTRADOR:
 EDITORA:
 PERSONAGENS:
 LOCAL DA HISTÓRIA:
 IMAGINE QUE VOCÊ CONVIDOU UM
 PERSONAGEM DO LIVRO QUE LEU, PARA
 PASSAR UM DIA DAS FÉRIAS CONTIGO.
 CONTE COMO FOI.



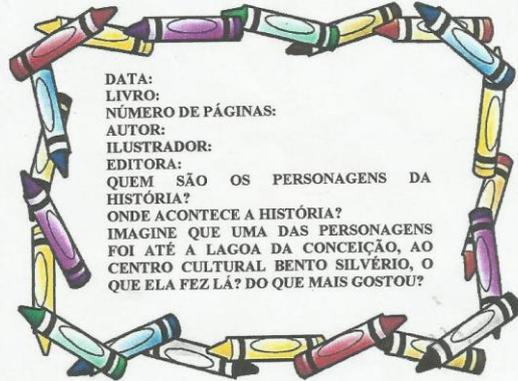
DATA:
 NOME LIVRO:
 NÚMERO DE PÁGINAS:
 AUTOR:
 ILUSTRADOR:
 EDITORA:
 PERSONAGENS:
 LOCAL DA HISTÓRIA:
 IMAGINE QUE VOCÊ ESTIVESSE NESTA
 HISTÓRIA. O QUE ACONTECERIA COM
 VOCÊ?



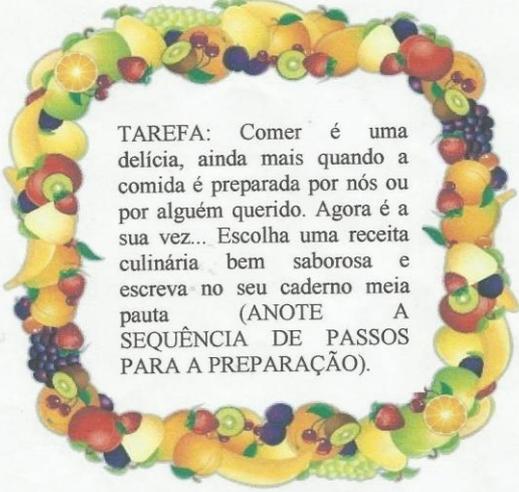
DATA:
 NOME LIVRO:
 NÚMERO DE PÁGINAS:
 AUTOR:
 ILUSTRADOR:
 EDITORA:
 SOBRE O QUE ESTE LIVRO FALA?
 QUAIS SÃO AS PERSONAGENS
 PRINCIPAIS?
 VOCÊ GOSTOU DO LIVRO? POR QUÊ?
 SE VOCÊ FOSSE O AUTOR DO LIVRO O
 QUE MUDARIA NA HISTÓRIA?



DATA:
 LIVRO:
 NÚMERO DE PÁGINAS:
 AUTOR:
 ILUSTRADOR:
 EDITORA:
 QUEM SÃO OS PERSONAGENS DA
 HISTÓRIA?
 ONDE ACONTECE A HISTÓRIA?
 IMAGINE QUE UMA DAS PERSONAGENS
 VEIO COM AS CRIANÇAS DA CASA SÃO
 JOSÉ E PARTICIPOU DA APRESENTAÇÃO
 DO CIRCO. COMO FOI? O QUE ELA FEZ?



DATA:
 LIVRO:
 NÚMERO DE PÁGINAS:
 AUTOR:
 ILUSTRADOR:
 EDITORA:
 QUEM SÃO OS PERSONAGENS DA
 HISTÓRIA?
 ONDE ACONTECE A HISTÓRIA?
 IMAGINE QUE UMA DAS PERSONAGENS
 FOI ATÉ A LAGOA DA CONCEIÇÃO, AO
 CENTRO CULTURAL BENTO SILVÉRIO, O
 QUE ELA FEZ LÁ? DO QUE MAIS GOSTOU?



TAREFA: Comer é uma
 delícia, ainda mais quando a
 comida é preparada por nós ou
 por alguém querido. Agora é a
 sua vez... Escolha uma receita
 culinária bem saborosa e
 escreva no seu caderno meia
 pauta (ANOTE A
 SEQUÊNCIA DE PASSOS
 PARA A PREPARAÇÃO).

Anexo F: Lista de livros que veio anexado ao questionário

		Universidade Federal de Santa Catarina PERGAMUM - Sistema Integrado de Bibliotecas RELATÓRIO DE TÍTULOS MAIS EMPRESTADOS NA INSTITUIÇÃO Empréstimo no período de :01/03/2013 a 26/09/2013	Pag. 1 27/09/2013 14:16:57
 <i>Alguns livros que os alunos do 3ºB leram</i>			
1º	KINNEY, Jeff <style pdfFontName=Times-Bold> Diário de um banana: </style> Rodrick é o cara. Cotia, SP: Vergara & Ribas, 2009. 217 p. ISBN 9788576831952 Classificação : 82-93 K55d Ac.290755	Total: 205	
2º	TAPAJOS, Renato Per um pedaço de terra. 1.ed. São Paulo (SP): Ática, 2005. 164p. ISBN 8508074336	Total: 165	
3º	KINNEY, Jeff <style pdfFontName=Times-Bold> Diário de um banana: </style> as memórias de Greg Heffley. Cotia, SP: Vergara & Ribas, 2008. 217 p. ISBN 9788576831303 Classificação : 82-93 K55d Ac.290754	Total: 153	
4º	SNICKET, Lemony O penúltimo perigo. São Paulo (SP): Cia das Letras, 2006. 311 p. (Desventuras em série; v.12). ISBN 85-359-0826-9	Total: 127	
5º	RIORDAN, Rick O mar de monstros. Rio de Janeiro (RJ): Intrínseca, 2009. 386,[13] p. ISBN 9788598078441	Total: 114	
6º	TADEU, Paulo Continua proibido para maiores: mais piadas para crianças. 6.ed. São Paulo (SP): Matrik, 2006. 46p. ISBN 9788577880652 Classificação : 82-93 T121c 6.ed. Ac.293436	Total: 109	
7º	KINNEY, Jeff <style pdfFontName=Times-Bold> Diário de um banana: </style> a verdade nua e crua. Cotia, SP: Vergara & Ribas, 2011. 217p. ISBN 9788576833079 Classificação : 82-93 K55d Ac.308994	Total: 108	
8º	RIORDAN, Rick O herói perdido. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. 439p. ISBN 9788580570083 Classificação : 82-93 R585h Ac.304483	Total: 105	
8º	TADEU, Paulo Proibido para maiores: as melhores piadas para crianças. 12.ed. São Paulo (SP): Matrik, 2007. 78p. ISBN 9788577880034 Classificação : 82-93 T121p 12.ed. Ac.293438	Total: 105	
9º	JAF, Ivan O vampiro que descobriu o Brasil. 6.ed. São Paulo: Ática, 2010. 111+9p. ISBN 9788508111176 Classificação : 82-93 J23v 6.ed. Ac.290115	Total: 102	
10º	COLLINS, Suzanne Jogos vorazes. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. 397p. ISBN 9788579800245 Classificação : 82-93 C713j Ac.305149	Total: 99	
11º	RUSSELL, RachelRenée; VEGA, Lísa Diário de uma garota nada popular: histórias de uma baladeira nem um pouco glamourosa. 5.ed. Rio de Janeiro: Verus, 2012. 279 p. ISBN 9788576861409 Classificação : 82-93 R966d 5.ed. Ac.316620	Total: 96	
12º	KUPSTAS, Marcia; LANDUCCI, Cesar Três terrores. 1.ed. São Paulo: Atual, 2007. 120p. ISBN 9788535707717 Classificação : 82-93 T796 1.ed. Ac.299468	Total: 87	
13º	RIORDAN, Rick O último olimpiano. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010. 383p. ISBN 978859878908 Classificação : 82-93 R585u Ac.287554	Total: 85	
14º	KINNEY, Jeff <style pdfFontName=Times-Bold> Diário de um banana: </style> dias de cão. Cotia, SP: Vergara & Ribas, 2011. 214p. ISBN 9788576832768 Classificação : 82-93 K55d Ac.308981	Total: 84	
15º	RIORDAN, Rick O hidrão de raios. 2.ed. Rio de Janeiro (RJ): Intrínseca, 2010. 387,[9] p. ISBN 9788598078397(capa com ilustração)	Total: 82	
16º	KINNEY, Jeff <style pdfFontName=Times-Bold> Diário de um banana: </style> a gota d'água. Cotia, SP: Vergara & Ribas, 2010. 217p. ISBN 9788576832294 Classificação : 82-93 K55d Ac.308986	Total: 80	
17º	SOUSA, Maurício de Princesas e contos de fadas. São Paulo: Graal, 2008. 120 p. ISBN 9788574882161 Classificação : 82-93 S725p Ac.293648	Total: 79	
18º	MORONEY, Trace Quando me sinto feliz. 1.ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. Não paginado. ISBN 9788575209134 Classificação : 82-93 M868q 1.ed. Ac.309299	Total: 77	
19º	RIORDAN, Rick; ISIDORO, Débora A pirâmide vermelha. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010. 445p. ISBN 9788598078977 Classificação : 82-93 R585p Ac.304833	Total: 75	
20º	RIORDAN, Rick; ISIDORO, Débora O Trono de fogo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. 398p. ISBN 9788580570922 Classificação : 82-93 R585r Ac.304807	Total: 74	
21º	PILKEY, Dav Capitão cueca e a sina ridícula do povo do penico roxo. São Paulo (SP): Cosac Naify, 2006. 172(4)p. ISBN 8575034873	Total: 72	
22º	RIORDAN, Rick A batalha do labirinto. Rio de Janeiro (RJ): Intrínseca, 2010. 367 p. ISBN 9788598078700	Total: 70	

23º	ROWLING, J. K. Harry potter e a pedra filosofal. Rio de Janeiro (RJ): Rocco, 2000. 263p. ISBN 8532511015	Total: 66
23º	PILKEY, Dav. As aventuras do capitão cueca. São Paulo (SP): Cosac Naify, 2000. 127p. ISBN 8575030108	Total: 66
23º	MORONEY, Trace. O grande livro do amor. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. Não paginado. ISBN 9788575209790 Classificação : 82-93 M868g Ac.309312	Total: 66
24º	COLLINS, Sophie; TILLY, Michel. Como namorar um vampiro. São Paulo: Pensamento, 2010. 127 p. ISBN 9788531516290 Classificação : 82-93 C713c Ac.297442	Total: 65
24º	RUSSELL, Rachel Renée; VEGA, Lisa. Diário de uma garota nada popular: histórias de uma vida nem um pouco fabulosa. 9. ed. Rio de Janeiro: Verus, 2012. 282 p. ISBN 9788576861034 Classificação : 82-93 R966d 9.ed. Ac.316625	Total: 65
25º	BENTON, Jim. Querido diário otário: é para isso que não servem os amigos. 1.ed. São Paulo (SP): Fundamentos, 2011. 131p. ISBN 9788576768609 Classificação : 82-93 B478q 1.ed. Ac.310258	Total: 62
25º	BENTON, Jim. Querido diário otário: as piores coisas da vida também são de graça. 1.ed. São Paulo (SP): Fundamentos, 2010. 149p. ISBN 9788576769514 Classificação : 82-93 B478q 1.ed. Ac.310259	Total: 62
26º	COLLINS, Suzanne. A esperança. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 421p. ISBN 9788579800863 Classificação : 82-93 C713e Ac.305141	Total: 61
26º	RIORDAN, Rick. A maldição do Tã. Rio de Janeiro: Imínseca, 2009. 238,[22]p. ISBN 9788598078588	Total: 61
27º	MORONEY, Trace. Quando me sinto amado. 1. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. Não paginado. ISBN 9788575209103 Classificação : 82-93 M868g Ac.316727	Total: 60
28º	PAOLINI, Christopher. Eragon. Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 466 p. ISBN 8532518486 Classificação : 82-93 P211e Ac.289750	Total: 56
29º	PILKEY, Dav. Capitão Cueca e o perigoso plano secreto do professor fraldinha suja. São Paulo (SP): Cosac Naify, 2002. 151p., (6)p. ISBN 9788575031063	Total: 54
29º	PILKEY, Dav. Capitão Cueca e o ataque das privadas filantes. São Paulo (SP): Cosac Naify, 2001. 141p. ISBN 8575030140	Total: 54
29º	WEIGAND, Roberto; NICOLELIS, Giselda Laporta; KUPSTAS, Marcia. Três paixões. 1. ed. São Paulo: Anual, 2010. 72p. ISBN 9788535713725 Classificação : 82-93 T796 1.ed. Ac.299699	Total: 54
30º	BENTON, Jim. Querido diário otário: não é minha culpa se eu sei de tudo. 1.ed. São Paulo (SP): Fundamentos, 2011. 131p. ISBN 9788576767183 Classificação : 82-93 B478q 1.ed. Ac.310254	Total: 53

Total geral de títulos :38

Total geral de empréstimos :3258